



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CiberEspiritualidade

Lívia Achcar Mourão

Rio de Janeiro/RJ
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

Ciberespiritualidade

Livia Achcar Mourão

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Tavares D'Amaral

Rio de Janeiro/RJ
2014

Ciberespiritualidade

Lívia Achcar Mourão

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Publicidade e Propaganda.

Aprovado por

Prof. Dr. Márcio Tavares D'Amaral – orientador

Prof. Dr. Evandro Vieira Ouriques

Prof. Dr. Fernando Fragozo

Aprovada em: 23/11/2014

Grau: 9,0

Rio de Janeiro/RJ
2014

MOURÃO, Livia Achcar.

Ciberespiritualidade / Livia Achcar Mourão– Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2014.

58f.

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2014.

Orientação: Márcio Tavares D’Amaral

1. Espiritualidade. 2. Tecnologia. 3. Internet. I. D’AMARAL, Márcio Tavares (orientador) II. ECO/UFRJ III. Publicidade e Proganada IV. Ciberespiritualidade.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que acreditam que outro mundo é possível e, por isso, enfrentam a si mesmas no processo de cura interior.

AGRADECIMENTO

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte do processo de criação deste trabalho direta e indiretamente. A todos aqueles que me acolheram em seus projetos, coletivos e sonhos em fases diversas da minha vida e que me inspiraram a ser mais criativa e a não ter medo de refletir sobre o improvável, me mostraram formas alternativas de viver e ensinaram a acreditar em outras possibilidades de estar na realidade.

Também agradeço meus queridos professores na Escola de Comunicação pelo entusiasmo com que lidam com o campo da comunicação e, em especial, meu orientador Márcio Tavares D'Amaral por todo seu incentivo e liberdade criativa que me permitiu.

Não posso deixar de agradecer com todo meu amor o movimento software livre que segue na luta pela liberdade na internet, acreditando sempre no compartilhar das informações e na capacidade coletiva de criação. Assim como a mídia alternativa que me ensinou a importância que tem os comunicadores na defesa e divulgação da verdade em um tempo de total descrédito das grandes corporações midiáticas interessadas em manter o homem aterrorizado e entretido dentro de sua casa.

Agradeço também ao The Pirate Bay que segue enfrentando todos os obstáculos e tentativas de controle na defesa do livre compartilhar de informações, conhecimento e cultura.

E agradeço aos meus mestres espirituais que me ensinam o que é *ser* humano.

MOURÃO, Livia Achcar. Ciberespiritualidade. Orientador: Márcio Tavares D'Amaral. Rio de Janeiro, 2014. Monografia (Graduação Em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

Este trabalho pretende aprofundar a crítica tecnológica trazendo um olhar para além das relações entre tecnologia com a ciência e o capital. Trataremos das tecnologias de comunicação e informação e suas relações com a espiritualidade, pretendendo ampliar o olhar sobre todas as relações tecnoreligiosas com o objetivo de trazer à tona a relação inconsciente entre espiritualidade e tecnologia que vem influenciando os caminhos evolutivos da humanidade e abrindo as portas para um cenário futurista preocupante de máquinas superinteligentes e realidade simulada.

Palavras-chaves: 1. Tecnologia. 2. Espiritualidade. 3. Evolução. 4. Magia. 5. Ciberespaço.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. TECNOLOGIA E O SAGRADO.....	15
2.1 Espiritualidade da Consciência Humana	15
2.2 A Decadência Religiosa.....	19
2.3 A Religião da Tecnologia.....	22
3. A PROFECIA DA SIMULAÇÃO.....	27
3.1 Tecnologias da Transcendência.....	28
3.2 Tecnologia do Apocalipse.....	30
3.3 Tecnologia da Criação.....	31
3.4 Tecnologia da Evolução.....	33
4. A ALMA VIRTUAL	
4.1 O Novo Espírito.....	37
4.2 Magia Virtual.....	40
4.3 Abdicação de Ser Humano.....	44
5. CONCLUSÃO.....	49
5.1 A Transição.....	49
5.2 A Verdadeira Evolução.....	52
REFERÊNCIAS.....	55
ANEXO: Declaração de Independência do Ciberespaço.....	56

1. INTRODUÇÃO

Caminhamos para uma catástrofe mundial enquanto seguimos o modelo de desenvolvimento econômico baseado no progresso pelo progresso, na transformação pela transformação. Enquanto metade da humanidade encontra-se administrando antidepressivos, o planeta Terra segue doando seus recursos cada vez mais escassos e culturas inteiras são devastadas pela globalização de ideias pela grande mídia mundial e seu discurso infantil e amedrontador.

Mas as guerras, a desigualdade social, o racismo e milhares de outros problemas parecem esquecidos dentro dos grandes centros de pesquisa que seguem, sem olhar pros lados, trabalhando em inteligência artificial, vida artificial, bionanotecnologia, drones, transhumanismo, energia e armas nucleares, e por aí vai. Laymert Garcia dos Santos escreve:

Já não se perguntava mais quais seriam os impactos sociais, culturais e ecológicos da introdução em larga escala de uma tecnologia específica, se era desejável ou imprópria. A tecnologia não precisava mais ser adaptada à sociedade e à natureza; passou-se a esperar que a sociedade e a natureza se adaptassem à tecnologia; e para essa adaptação impeditiva e violenta, nenhum custo social e ecológico foi considerado excessivo. (2003, p. 11)

E continua:

Se tivéssemos um dispositivo de visualização do “estado real” do planeta, poderíamos detectar imediatamente a centralidade da tecnologia no movimento do mundo, mas veríamos, ao mesmo tempo, quão pouco essa centralidade é problematizada. [...] Entretanto, é preciso reconhecer que a crítica ainda não foi capaz de convencer as sociedades nacionais e a assim chamada “comunidade internacional” da necessidade imperiosa de se discutir a questão tecnológica em toda sua complexidade. (2003, p. 74)

Este trabalho pretende aprofundar essa crítica trazendo um olhar para além das relações entre tecnologia e ciência. Trataremos também das tecnologias de comunicação e informação e suas relações com a espiritualidade, pretendendo futuramente ampliar o olhar sobre todas as relações tecnoreligiosas que estão nas bases das relações sociais e novos estados de estar na realidade ou de evadi-la. Além de representarem os primeiros passos de uma escolha evolutiva da espécie humana que vem projetando suas expectativas de mudança e angústias de tédio neste espaço virtual dinâmico que atinge profundos níveis inconscientes de conexão mística.

A espiritualidade é um dos pilares que sustentam as relações culturais e sociais humanas desde antes da língua escrita. Carregamos em nossos genes ancestrais conexões com crenças, práticas, linguagens, tecnologias, sensações intuitivas e sociais remotas baseadas no invisível. O culto à natureza, aos deuses e deusas arquetípicos e padrões de vida baseados no poder de dar a vida ao invés do de tirá-la ainda correm em nossas veias de alguma maneira cada vez mais oculta e representam um papel central de nossa herança psíquica perdida. Não havia distinção entre o secular e o sagrado. Religião era vida e vida era religião (Eisler. 1989).

“A vida era celebrada em imagens e rituais religiosos, os processos destrutivos da natureza também eram reconhecidos e respeitados. Ao mesmo tempo que ritos e cerimônias religiosas se destinavam a proporcionar ao indivíduo e à comunidade um senso de participação e controle sobre os processos de oferecimento e preservação da natureza, outros ritos e cerimônias tentavam conter os processos mais desagradáveis.”
(Eisler. 1989, p. 49)

Ao longo do tempo, o homem passa por diversos processos de afastamento das dinâmicas espirituais ancestrais baseadas na natureza e entra na fase das grandes e poderosas religiões, institucionalizadas, hierarquizadas, baseadas no próprio homem e pouco abertas à outros discursos e diferenças. Estas características divergentes já representam uma profunda ruptura na história da humanidade porém a espiritualidade ainda é sustentada nas grades igrejas enquanto necessidade vigente para uma vida preenchida.

À partir da Revolução Francesa, as grandes instituições passam a ter papel secundário em relação ao indivíduo. Pensava-se que a liberdade das burocracias e das amarras invisíveis geraria um estado de criação e de auto conhecimento necessário para avançarmos em nossa história. E assim de fato foi. Os valores deixados por essa revolução fundamentaram a sociedade extremamente individualista, capitalista e solitária em que hoje vivemos perdidos. E, lentamente, as religiões foram perdendo sua força de ditar o cotidiano e as mentes dos homens.

Em paralelo e silenciosamente, uma outra força vem assumindo papel fundamental na vida cotidiana, cada vez mais vazia de amarras e valores: a tecnologia. O “mito da máquina” insiste na autoridade de elites técnicas e científicas e no valor intrínseco da eficiência, controle e desenvolvimento tecnológico irrestrito e expansão econômica. Alguns historiadores e sociólogos reconhecem que essa imagem secular foi talhada o tempo todo pelos mitos Cristãos: o chamado bíblico de conquistar a natureza, a ética de trabalho Protestante e, em particular, a visão milenarista de uma Nova Jerusalém, um paraíso na terra que o Livro da Revelação afirma que irá coroar o curso de nossa história. Esse mito de uma “utopia projetada” ainda impulsiona a ideologia do progresso tecnológico com suas promessas perenes de liberdade, prosperidade e alívio da doença e da fome. (Davis. 1998)

A tecnologia vem preenchendo este vazio espiritual inconscientemente ao mesmo tempo em que participa no desencantamento do mundo, forçando redes ancestrais simbólicas e intuitivas a dar espaço para novas redes matemáticas, extremamente lógicas baseadas na linguagem da programação informática e seus planos de desenvolvimento econômico e progresso material infinito. Mas estes velhos fantasmas não desaparecem por completo. Eles se escondem nas profundezas da psique, se capilarizando imperceptivelmente nas motivações culturais, psicológicas e mitológicas que formam os pilares da civilização moderna. É como se os impulsos místicos fossem as raízes de diversas dinâmicas tecnológicas avançadas que nos afastam cada vez mais da intuição e do simbólico.

Finalmente chegamos na era da internet e da cibercultura que trouxe de volta às mentes conscientes essa sensação de comunidade e liberdade proporcionada pela espiritualidade ancestral de muitos milênios atrás. Embora essa liberdade venha sendo rapidamente mais reprimida pelos governos, tivemos um gostinho do que é o comum. A internet representa o movimento de libertação que não é visto na realidade que chamaremos de “material”. No ciberespaço as relações são dinâmicas e o tempo passa em uma velocidade

milhares de vezes maior do que no nosso processo temporal histórico. A sensação vigente é a de que as coisas *acontecem* no virtual enquanto a realidade longe do teclado parece aguardar por algum movimento de salvação e transmite uma sensação geral de angústia pela falta de liberdade de criação, regras rígidas de sobrevivência e tédio geral. Aos poucos o estado permanente de simulação parece seduzir milhares de pessoas que passam seus dias encarando a tela de seus computadores e smart-phones à procura de alguma coisa que preencha esse vazio de ação que vem subindo cada vez mais à nossa consciência.

A internet também realiza diversos movimentos internos previamente atingidos pela magia. Chega a ser óbvio à partir do momento em que se volta a percepção para fazer essa comparação. A relação que criamos com a energia que alimenta as telas que respondem aos comandos mentais e intenções é bastante semelhante ao que antes era realizado no campo do invisível. Os softwares assumiram o papel dos rituais e feitiços, assumindo o lugar do que antes era a fé, ingrediente principal para a realização de qualquer intenção mística.

Os softwares movimentam a energia elétrica que os alimenta de acordo com a sua programação (intenção). Nos tempos de magia esta energia era corporal, os magos utilizavam diversas práticas de exercícios físicos para subir seus níveis energéticos que projetavam então em suas intenções e rituais. No ciberespaço essa energia vem de uma fonte externa ao homem que, por acomodação, entra em um estado de preguiça e dependência desta mística eletrônica. A humanidade vem perdendo cada vez mais a sua conexão com o corpo e entrando em um estado flácido e inerte. Abrindo mão da sua potência corporal por, inconscientemente, ter suas necessidades místicas ancestrais suportadas nesta projeção para o ciberespaço.

2. TECNOLOGIA E O SAGRADO

2.1. Espiritualidade da Consciência Humana

A religião enquanto paradigma de existência de uma determinada comunidade que se define através de crenças, rituais, mitos e normas próprias, acompanha a humanidade desde os tempos primórdios. A relação do homem com as forças invisíveis que o rodeiam e regem seus campos e colheitas, seu nascimento e morte, suas sensações e pensamentos, corpos e encontros, sempre contou com a mediação de uma narrativa sagrada que, além de apaziguar a angústia de uma vida vazia de sentido, justifica suas idiossincrasias, seus paradoxos e contradições. O sagrado é tudo aquilo que se relaciona com o divino, ou seja, tudo aquilo que é semelhante ao criador, Deus e se contrapõe ao profano que é o mundano, do homem e da suas imperfeições e mortalidade. A espiritualidade é a compreensão de que a vida não se resume ao visível e material e a crença em uma ordem divina de evolução da alma que está viva em essência e em provação na vida terrestre, conectada com campos energéticos e cosmológicos em outros planos de existência.

Uma busca pela proximidade com o que é sagrado é analisada pela antropologia desde os primeiros resquícios humanoides encontrados. Estes primeiros homens já buscavam o apoio da experiência do sagrado para compreender a diferença entre o que é real, poderoso, rico e significativo e o que é desprovido de qualidades (ELIADE, 2010), ou seja, buscavam definir seu mundo e qualificar sua existência à partir de um ponto de vista que leva em conta algo maior, para além daquilo que pode ser percebido e racionalizado. Levando em conta que esta busca pelo elevado formou a visão de mundo enraizada na consciência humana em seus primeiros passos evolutivos enquanto espécie, há milhares de anos atrás, Mircea Eliade (2010) afirma:

O sagrado é um elemento na estrutura da consciência, e não uma fase na história dessa consciência. Nos mais arcaicos níveis de cultura, *viver como ser humano é em si um ato religioso*, pois a alimentação, a vida sexual e o trabalho tem valor sacramental. Em outras palavras, ser – ou, antes, tornar-se – *um homem* significa ser “religioso”. (p 13)

Quando me refiro aos primeiros homens, falo dos paleantropídeos. Que foram aqueles que se diferenciaram dos primatas decisivamente pelo seu uso de ferramentas. E não só pelo uso como pela utilização de “ferramentas para fazer ferramentas”. Ou seja, no início dos tempos de nossa espécie, o que nos definiu como tal e nos diferenciou dos menos inteligentes foi a nossa capacidade de produzir tecnologia. A domesticação do fogo e capacidade de reproduzi-lo e utilizá-lo de maneira específica e organizada, marca a separação definitiva dos paleantropídeos em relação a seus antecessores zoológicos. É inconcebível que as ferramentas não tenham sido investidas de certa sacralidade (ELIADE, 2010). As primeiras descobertas tecnológicas – transformação da pedra em instrumentos de ataque e defesa, o domínio do fogo – não só asseguraram a sobrevivência e desenvolvimento da espécie humana como produziram também todo um universo de valores mítico religiosos.

Muito da vida humana foi definida nesta época tão primordial: a caça determinou a divisão do trabalho de acordo com o sexo, reforçando assim a hominização (ELIADE, 2010). A relação do caçador com a sua caça gerava uma “solidariedade mística” revelada pelo próprio ato de matar do homem que se via como semelhante daquele animal cujo sangue era igual ao seu, este assassinato era considerado um sacrifício. Não se pode considerar os paleantropídeos como “os primeiros homens completos” sem se deduzir que possuíam seus próprios rituais e crenças embora seja quase impossível determinar seu conteúdo.

Espera-se chegar um dia a decifrar-lhes o significado religioso. Em outras palavras, espera-se que estes “documentos” sejam suscetíveis de constituir uma “linguagem”, exatamente como, graças ao gênio de Freud, as criações do inconsciente, até então tidas por absurdas ou sem sentido – sonhos, devaneios, fantasias, etc. – revelaram a vigência de uma “linguagem” extremamente preciosa para o conhecimento do homem. (ELIADE, 2010)

É possível especular sobre estes rituais e crenças admitindo que os paleantropídeos viveram principalmente da caça, da pesca e da coleta. Os caçadores primitivos possuíam uma série de crenças que podem ter vindo desta era primordial. Acreditavam que os animais era semelhantes ao homem, que homens tinham capacidade de transformar-se em animais e vice-versa; que as almas dos mortos podiam entrar em animais e em relações misteriosas entre uma

pessoa e um animal (nagualismo). Eles tinham um série de comportamentos religiosos típicos: o assassinato do animal era um ritual, os ossos e o crânio tinham um valor especial nestes rituais pela crença de que a “alma” da fera estava depositada ali. Havia também costumes de oferecer aos seres supremos um pedaço de cada animal morto para boa sorte na caça seguinte.

Á partir do musteriano (~70.000 - 50.000) já se pode falar com propriedade em sepulturas que comprovam a crença da vida após a morte e o cuidado com o corpo que carregou a alma. Desde essa época, já se mantinha o costume ritual de salpicar ocre vermelha, o substituto do sangue e símbolo da vida, no cadáver, comprovando também a visão simbólica e abstrata das representações rituais das ferramentas utilizadas. A crença na imortalidade é confirmada pelas sepulturas - não faria sentido empregar tanto trabalho e arte para uma mera disposição do corpo morto. Essa imortalidade poderia ser espiritual, uma crença em uma existência na pós-morte incentivada pela aparição dos mortos nos sonhos como também pode ser interpretada como uma precaução contra o possível retorno do morto o que justifica alguns cadáveres amarrados ou dobrados.

No paleolítico, os ritos funerários passam a contar com o uso simbólico de uma série de objetos de adorno (conchas, penduricalhos, colares) como “acessórios funerários”, isto é, os objetos pessoais dos defuntos implicavam não só a crença numa sobrevivência pessoal mas também a crença de que um morto continuará sua atividade no outro mundo. E estes ritos vão sendo incrementados de significados: enterros orientados para o leste alinhando o destino da alma com o curso do Sol e representando a crença no renascimento desta. Acredita-se também que estas cerimônias já eram conduzidas por xamãs, líderes espirituais que tinham como função na comunidade a comunicação com o além através do “transe” da experiência de êxtase que é constitutiva da condição humana - desde sempre o homem sonha, tem devaneios e entra em estados de percepção alterada que eram interpretados como viagem da alma ao além. Desta época também foram encontrados resquícios da arte em cavernas em uma área que limita-se à Espanha, à França e à Itália meridional, impressionando por manter uma extraordinária unidade de conteúdo artístico cujo sentido parece não ter variado ao longo do tempo. Acredita-se que essa unidade representa uma difusão por contato de um mesmo sistema ideológico, marcando uma “religião das cavernas”. As pinturas se encontram muito longe das entradas, permitindo que os pesquisadores concluíssem que as grutas fossem um santuário. A função ritual dessa arte parece ser evidente já que estas imagens e símbolos representadas nas paredes internas se referem a certas “histórias”, isto é, acontecimentos relacionados com as estações (o ciclo lunar já era analisado, memorizado e utilizado com

finalidades práticas cerca de 15 mil anos antes da descoberta agricultura), os hábitos do animal caçado, a sexualidade, a morte, os poderes misteriosos de alguns seres sobrenaturais e de certas personagens (ELIADE, 2010). O valor simbólico destas imagens trazem também a ideia da linguagem mística religiosa já empregada por nossos ancestrais em sua comunicação e cerimônias relevantes para a vida.

À partir do mesolítico o homem desenvolve a agricultura e domestica animais, saindo da condição de caçador nômade para produtor sedentário que gera um desenvolvimento do comércio e expansão populacional. Além da agricultura, essa foi uma era rica em criação de novas tecnologias como o arco, as cordas, redes, anzóis e embarcações capaz de fazer viagens longas. Todas estas descobertas desencadearam mitologias e, muitas vezes, deram origem à comportamentos rituais.

O valor empírico dessas invenções é evidente. Menos óbvia é a importância da atividade imaginária deflagrada pela intimidade com as diferentes modalidades da matéria. Trabalhando com um sílex ou uma agulha primitiva, ligando peles de animais ou tábuas de madeira, preparando um anzol ou uma ponta de flecha, moldando uma estatueta em argila, a imaginação revela analogias insuspeitas entre os diferentes níveis do real; as ferramentas e os objetos são carregados de inumeráveis simbolismos, o mundo do trabalho – o microuniverso que rouba a atenção do artesão durante longas horas – torna-se um centro misterioso e sagrado, rico de significados. (ELIADE, 2010)

Na Idade do Ferro, vemos surgir uma “mitologia dos metais”. Os primitivos trabalhavam com o ferro meteórico antes de aprenderem a usar os minérios ferrosos superficiais. Quando os astecas eram indagados sobre de onde tiravam suas facas, eles apontavam para o céu (ELIADE, 2010, p. 61). O ferro era considerado o metal celeste, aquele que vinha das estrelas. E era raro, utilizado principalmente em rituais. Foi o desenvolvimento da metalurgia do ferro terrestre, no entanto, que trouxe consequências religiosas revolucionárias.

As minas e os minérios assumem uma sacralidade telúrica, os metais crescem dentro da terra, as cavernas e minas passam a ser consideradas a matriz da terra mãe e a extração destes minérios do seu seio é prematura, os metais ainda são embriões obedecendo a um

tempo de evolução e maturação diferente da vida humana. Se o ritmo geológico do tempo fosse respeitado, por fim os minérios se tornariam metais maduros, perfeitos. Mas, neste caso, os mineiros e metalúrgicos assumem o papel de acelerar essa maturação em seus fornos. Através do fogo eles operavam a passagem de um estado ao outro da matéria, provocando um amadurecimento em um tempo milagrosamente curto. É a primeira vez que o homem entra em contato com o poder de fazer algo diferente daquilo que já acontece na natureza. Os fundidores e os ferreiros assumiam um papel de “senhores do fogo” ao lado dos xamãs, dos curandeiros e dos mágicos. Eles passam a assumir posições mitológicas de arquiteto e artesão dos deuses. Em culturas distintas, a arte do ferreiro e as técnicas ocultas assumem um elo íntimo. Ao se responsabilizar pela transformação da natureza, o homem coloca-se no lugar do tempo e do próprio Criador. O homem percebe-se capaz de criar por fora das leis naturais da terra e o caminho para uma superação da natureza e exaltação dele próprio como Deus criador começa desde a Idade do Ferro.

A conexão com o sagrado - a espiritualidade, corre nas veias de todos os homens, assim como sua capacidade de produção tecnológica. Somos fruto de um processo evolutivo cujos pilares religiosos não podem ser negados à partir de uma perspectiva histórica. Somos resultado de milhares de anos de evolução guiada exatamente pelo ritual, pela fé, pela transcendência e materializada através da técnica. Técnica esta que então inspira novos ritos, mitos e deuses, gerando um ciclo interminável que vem guiando a evolução desde sempre.

2.2 A Decadência Religiosa

As ideias e crenças religiosas se confundem com a história da civilização. Cada descoberta tecnológica, cada inovação econômica e social, é, ao que parece, “reprodução” de um sentido ou valor religiosos. A capacidade do homem de criar novos significados para a própria vida à partir da criação de novas ferramentas e novas técnicas de manuseio destas só se complexificam através das eras, complexificando proporcionalmente as civilizações e a própria espécie humana. O material e o espiritual se intercalam e se apoiam mutuamente proporcionando as bases fundamentais para a formação humana tanto na consciência quanto nos seus planos físicos. As grandes religiões e civilizações são frutos destes primeiros passos analisados que demonstram que o homem é essencialmente um ser espiritual e tecnológico ao

mesmo tempo. Ambos os pilares são fundamentais para a criação de novos paradigmas que irão guiar a humanidade nos seus passos evolutivos. Através dos séculos, o homem foi incorporando suas crenças, rituais e tecnologias em civilizações cada vez mais organizadas e estruturadas. Surgem os grandes impérios e, com eles, as grandes religiões que dogmatizaram o uso e produção das ferramentas e das relações cotidianas.

Pularemos boa parte da história das religiões à partir do que analisamos já que a intenção era ressaltar a formação da consciência humana e seus pilares espirituais. Carregamos genes repletos de informações e necessidades sagradas de intercâmbio com o invisível que sempre deram significados à vida, regeram nossa relação com a natureza e com o simbólico e inspiraram toda a história da humanidade até a modernidade.

O que nos é de interesse agora é exatamente esta modernidade que perdeu sua conexão com essa base ancestral. A religião deixa de assumir o papel de conexão com o invisível e passa a assumir um papel limitador e institucional se apoderando de mentes através de dogmas que não se atualizam com o passar dos séculos. As grandes religiões foram formadas há poucos milhares de anos atrás e serviram seu papel na orientação de boa parte da humanidade pela vida, porém o engessamento do pensamento e perda de foco da comunidade para o poder provocando, inclusive, grandes guerras santas, geraram um gradual desencantamento com as propostas espirituais dominantes. A religião, então, deixa de acompanhar, inspirar e inspirar-se do avanço tecnológico como sempre aconteceu. O lado espiritual ficou no passado enquanto a ciência aplicada para fins práticos (tecnologia) está dando saltos exponenciais em direção ao futuro. Hoje, o que define os rumos da nossa evolução enquanto espécie é o avanço técnico-científico, que sem o equilíbrio da espiritualidade, vem criando suas próprias explicações do que é o sentido da vida voltado para o progresso como grande fim da vida na terra, o eterno transformar por transformar. Como chegamos nesse ponto de quebra entre estes dois pilares da humanidade que sempre caminharam lado a lado?

Ao longo dos séculos, as grandes religiões se organizaram e disseminaram, assumindo o papel de reger a coletividade através de rituais e dogmas específicos. Foram estas religiões e seus modos de organização que basearam a formação dos Estados Nação, desde então as autoridades políticas passaram a ser definidas segundo justificativas divinas e os homens entraram cada vez mais dentro de normas, obrigações e modelos prévios de vida considerada

sagrada. Aos poucos, as diferenças entre estas grandes religiões passa a separar comunidades e incitar ódio e guerras.

A Reforma Protestante foi a principal causa das guerras civis religiosas que assolaram a Europa, durante os séculos XVI e XVII. A quebra com o cristianismo tradicional alterou a ordem, individualizou o homem, pluralizou as concepções de mundo, disseminou a desconfiança, promoveu violentos combates entre Igrejas e perseguições entre fiéis (FERREIRA, 2011). O Ocidente foi tomado por uma onda de insegurança e insatisfação com os costumes e instituições tradicionais que atavam os movimentos inovadores. Ideias passaram a se voltar para o cálculo racional, livre destes grilhões dos deveres para com o lar, a família, os bons costumes e a moral conservadora assumida pela religiosidade e destes conflitos que não levavam a lugar algum.

Durante a Reforma Protestante instituiu-se a Inquisição Católica, que perseguia aqueles que ainda davam continuidade às práticas espirituais de conexão com a natureza e o culto à fertilidade justificando que ameaçavam os fundamentos da fé cristã. A caça às feiticeiras eliminava os últimos resquícios do paganismo resultando em um empobrecimento da religiosidade popular e originária de conexão com o invisível e o sagrado. Martin Lutero concordava com a perseguição das bruxas e com a eliminação das práticas ritualísticas pagãs. Ao mesmo tempo, defendia a organização da liberdade individual em detrimento da criatividade teológica e a reforma das instituições que davam as bases para a vida na época, especialmente a educação pública. A partir da Reforma, a liberdade do homem rejeitar qualquer autoridade a não ser a de Deus tornou-se possível, mediante um lento processo de dessacralização que abriu as portas para o “mundo moderno” que se solidifica com a Revolução Francesa e o triunfo da ciência e da tecnologia.

A Revolução Francesa marca um quebra radical com as religiões tradicionais. Porém a espiritualidade, adoração de deuses e culto ao sagrado não deixam de ser vividos, travestidos de outros símbolos. Durkheim escreve:

Essa aptidão da sociedade para se transformar em divindade, ou para criar deuses, nunca foi mais visível do que nos primeiros anos da Revolução. Com efeito, naquela época, sob a influência do entusiasmo geral, coisas puramente laicas por natureza foram transformadas pela opinião pública em coisas sagradas: a Pátria, a Liberdade, a

Razão. Uma religião tendia a se estabelecer por si mesma, com seu dogma, seus símbolos, seus altares e suas festas. O culto da Razão e do Ser Supremo procurou dar satisfação oficial a estas aspirações espontâneas. (As formas elementares da via religiosa. p. 305)

A Revolução Francesa também volta o grosso da violência militante originado nas ideologias materialistas contra a população religiosa iniciando uma verdadeira guerra de perseguições. Os revolucionários de 1789 saíram incendiando conventos, matando freiras e bispos com o grito “esmagai o infame” de Voltaire. Esta revolução fundamenta nossa sociedade atual e é possível flertar com a ideia de que, no fundo, foi uma revolução religiosa. Aos poucos, aquela verdadeira religião do início dos tempos até o neolítico, de culto da natureza e do cosmos, perpetuada pelos pagãos que acabam perseguidos violentamente, não vê outro caminho a não ser se esconder na psique, espreitar pelo inconsciente do homem moderno e se colocar em criações e dinâmicas da vida que aparentemente nada tem a ver com religião. A Revolução Francesa trás um alívio espiritual inconsciente e funda, invisivelmente, a religião da razão e a sacralidade do indivíduo que, futuramente, fundamenta a religião da tecnologia.

2.3 A Religião da Tecnologia

Milenarismo é, essencialmente, a expectativa de que o fim do mundo está próximo e que, com ele, um novo paraíso na terra pode ser alcançado. Nos primeiros séculos da era cristã, haviam inúmeros avisos do advento iminente do Reino de Deus que nasceria após apocalipse, que tiravam suas inspirações de profecias e visões místicas. Mas estas vozes foram marginalizadas pelo clero que incorporava o corpo e o poder da Igreja Católica. Na visão desta elite, o milênio já tinha começado com o estabelecimento da Igreja e que eles eram os santos terrenos. Para os seus olhos, a crença do milenarista era subversiva já que subentendia que o reino de Deus ainda não havia chegado mas pertencia a um futuro além da Igreja. Com o tempo, a crença milenarista passou a ser considerada heresia.

Apesar de toda repressão clerical, a crença do paraíso terrestre prometido continuou a crescer, principalmente como expressão de um desespero e dissenso popular. Na alta Idade Média, com o movimento das reformas católicas, as cruzadas e a ameaça externa ao catolicismo, o milenarismo voltou a ganhar respeitabilidade, especialmente nas novas religiões que surgiam com as reformas que usavam a narrativa apocalíptica para justificar sua identidade e destino.

Essa preocupação milenarista, definitivamente contribuiu na formação do pensar tecnológico ocidental. Dentro de diversos mosteiros, as artes eram ressaltadas como um caminho possível para atingir os reinos dos céus. Aos poucos, as artes tornaram-se as artes práticas, ou seja, criação útil: ferramentas, tecnologia. O avanço tecnológico contribuía para ressaltar o homem enquanto imagem-semelhança de Deus, aquele que cria. O homem viu-se capaz de inventar máquinas que melhoravam toda a vida da comunidade, que mudavam a história humana, davam novo sentido ao estar vivo. As descobertas tecnológicas da renascença como a imprensa, a pólvora e as grandes navegações representavam o domínio cada vez maior do homem sobre a natureza, colocando-o em um novo patamar perante todas as outras espécies e o aproximando cada vez mais da concepção de Deus, que tudo pode. As mentes acreditavam que cada inovação as colocavam mais um passo a frente em direção ao milênio.

A ciência também passou a ser vista como tecnologia e não apenas como estudo e investigação especulativa. Passou-se a encarar a ciência como artes práticas e dedicada à invenção e utilidade. O melhor conhecimento científico era medido pela sua utilidade, dizia Francis Bacon, este conhecimento também passou a ser visto como um processo construtivo, apenas se pode conhecer aquilo que se pode fazer. O artesão só conhecia sua obra porque ele a tinha feito. Essa teoria passou para o conhecimento da natureza, compreender seu processo de criação que somente o Criador conhecia por tê-la feito. Isso colocava o homem capaz de ver através da mesma perspectiva que Deus. Era uma tentativa de conhecer a mente Dele através do estudo do design por trás da natureza. Essa interpretação mecânica da natureza poderia facilmente levar à interpretação que nós conhecemos o universo assim como seu criador. O cientista passou a ser o “pastor da natureza” aquele que tem uma relação privilegiada com Deus e trabalha como mediador entre Ele e sua criação. Muitos cientistas, inclusive Isaac Newton, trabalhavam com o foco maior em assumir este papel e operavam focados em desvendar o conhecimento divino antes de inventar qualquer coisa. (NOBLE, 1997, p. 65)

No século XVI, mecânicos e inventores passaram a invocar o nome de Deus referindo-se a ele como “o artista” ou “arquiteto” para dar prestígio às suas próprias atividades como o estavam imitando e refletindo a sua glória. A participação do homem na criação de inovações pressupunha também que a obra do criador estava inacabada e acreditava-se em uma “nova criação” vinda do próprio homem que assumia então o papel divino e ator da sua própria redenção, a criação do paraíso na terra. Através de suas aptidões mortais, finalizar o trabalho de Deus. Predizia-se que o homem chegaria a criar novas espécies de vida e, finalmente, tornar-se igual ao próprio Deus, este é o “gol silencioso” da ciência moderna até hoje.

A descoberta das Américas também causou furor dentre os especuladores religiosos quanto à possibilidade de um novo mundo, da tal terra prometida onde seria possível começar do zero. Acreditava-se possível obter a redenção pela queda de Adão, que antes do pecado original era um homem perfeito, a verdadeira imagem semelhança de Deus. Nesta nova terra, seria possível acertar e começar uma nova história, uma história que possibilitaria o retorno dos homens ao paraíso e das potencialidades humanas do início dos tempos.

Os arquitetos deste novo mundo foram os Maçons. A maçonaria é uma rede de sociedades masculinas de ocultismo que se organiza espacialmente em “lojas”, espaços de culto e trabalho, que serviram como base para a criação de uma rede “intercolonial” durante a Revolução das 13 colônias que, posteriormente, tomaria o nome de Estados Unidos da América. Quase todos os generais que lutaram durante a revolução e praticamente todos os signatários de declaração de independência americana era maçons, assim como os principais contribuintes da Constituição como John Adams, George Washington e Benjamin Franklin, por exemplo. As lojas maçônicas funcionavam como pontos de encontro de adoradores da Era da Razão e homens ambiciosos se juntavam para criar e propagar novas ideias sobre razão, ciência e a construção da sociedade civil americana. O Deus que adoravam era “o grande arquiteto” que se revelava nas novas descobertas das ciências naturais. Ao mesmo tempo, eram o canal por onde entravam as principais ideias do ocultismo gnóstico na sociedade moderna. Eles criavam uma ponte entre o racionalismo e o ocultismo místico, mesclando ideias Iluministas com o culto ritualístico e hermético.

A maçonaria baseia sua cosmologia em uma nova imagem da natureza que une noções esotéricas de ordem cósmica com o novo entendimento empírico das leis naturais. Por mais que eles adorassem o “grande arquiteto” enquanto Deus Cristão, acreditavam que a criação claramente não foi perfeita e que era o papel do homem superá-la através de sua inteligência.

Dando seguimentos às crenças monásticas que acreditavam que os homens alcançariam o paraíso na terra através de seus investimentos criativos nas “artes práticas” que pode ser traduzida na afirmativa de que os homens tecnológicos e científicos tem a função de entender, conquistar e modificar o mundo natural para atingir a salvação espiritual e material do homem, os Maçons eram a instituição religiosa dessa crença. E tiveram um papel extremamente relevante para a formação da sociedade científica, fundando a Royal Society, a primeira instituição científica moderna. Organizaram seminários que exaltavam o uso das “artes práticas” no mundo inteiro, criaram enciclopédias e a divulgação de seu conhecimento “iluminador” pois acreditavam estar participando da construção da utopia.

Não demorou muito para que o Maçons passassem seus projetos utópicos para os engenheiros, os novos mestres espirituais, que não tardaram em criar seus próprios rituais e ritos de passagem. A religião que nascia nos Estados Unidos, o novo mundo, era uma religião natural de empirismo radical que apontava para uma união da matéria com o espírito através do conhecimento científico e oculto, para um processo de transformação de homens em Deuses.

Os Estados Unidos, que hoje dominam culturalmente o mundo globalizado, perpetuam esse culto à tecnologia cada vez mais distante de suas raízes ocultas. Essa perda de conexão com o místico pode ter ocorrido por uma por falta de equilíbrio entre as liberdades individuais tão propagadas pelo americanismo e a moral religiosa do passado, é possível que o misticismo não tenha dado conta de sustentar o discurso do progresso selvagem que destrói a natureza e devasta mentes. Provavelmente um dos dois lados da balança teve que ser deixado de lado para que o outro pudesse avançar sem amarras e, devida às experiências de fracasso prévias das religiões, optou-se pelo avanço tecnológico.

Compreende-se o histórico de formação desse país tão importante na construção do futuro da humanidade como causa da formação desta concepção de homem que transcende através das suas máquinas e ferramentas. O homem que se vê no direito de explorar a natureza e todas as espécies na busca pela perfeição sagrada das profecias dos mosteiros de séculos atrás, incentivada por um vazio espiritual latente que corre nas veias vinda de nossos ancestrais mais remotos e mais próximos. Sem compreender perfeitamente as motivações por trás de tanta pesquisa, tanta criação e tanto progresso desenfreado, os homens seguem mesmerizados a cada novidade que surge. Embora já seja possível fazer uma análise geral de que os avanços tecnológicos mais dramáticos não somente falharam em melhorar as vidas dos

homens que seguem deprimidos, em crise, solitários e famintos em sua grande maioria, como também tem contribuído para maior miséria e desigualdade social, praticamente um bilhão passa fome, um bilhão não tem água potável, saneamento básico, três bilhões não possuem sequer telefone. (MURARO, 2009, p. 25). Isso sem contar a destruição da natureza que vem atingindo níveis preocupantes e provocando mudanças climáticas que anunciam tempos sombrios não muito distantes de hoje. Mas não parece haver muita preocupação com esse paradoxo no momento de se encantar com a mais nova tela brilhante disponível no mercado, o encantamento popular com as novas invenções não permite que o lado negativo seja encarado com seriedade, seguimos acríticos quando se trata de avanço científico.

“Essa loucura por mais e mais invenções, cada vez mais grandiosas e gloriosas, por motivos econômicos, casada com essa completa indiferença aos reais benefícios ou malefícios para a humanidade derivados delas só pode ser compreendida como uma estranha epidemia de excitação insana que já acometeu populações inteiras em determinados períodos, especialmente na Idade Média. Não há explicação racional.” (NOBLE, 1997, p. 100)

3. A PROFECIA DA SIMULAÇÃO

No século XXI, as tecnologias avançam em um passo tão acelerado e atingem graus tão elevados de complexidade que a maioria da população mundial não tem mais como acompanhá-las. Este acompanhamento fica à cargo de pequenas elites científicas dos grandes centros de pesquisa, centralizados especialmente nos Estados Unidos e na Europa. São estes homens que vem definindo a portas fechadas, o futuro da humanidade. Eles tem a permissão divina de criar, modificar, transmutar através das mais diversas possibilidades tecnológicas que o campo permite. Inteligência artificial, engenharia genética, nanotecnologia, robótica, energia nuclear e exploração espacial ameaçam e prometem mudar o mundo para melhor, avançam em velocidade exponencial na modificação da terra como a conhecemos e flertam com a possibilidade da modificação do homem também. Cruzam espécies que jamais sequer se aproximariam espacialmente, gerando vidas novas e imprevisíveis. Já se acredita em uma nova elite de homens geneticamente modificados com genes de pessoas superdotadas que possa vir a dominar todo o resto da humanidade. E tantas outras promessas assustadoras travestidas de inovações maravilhosas.

Ao mesmo tempo em que essas previsões assustam alguns poucos, encantam uma grande maioria que inconscientemente percebe os avanços tecnológicos enquanto uma aproximação de Deus e da promessa de uma terra prometida. São inúmeros futuristas que defendem uma sociedade totalmente baseada na tecnologia, onde o homem não mais terá que fazer nada a não ser dedicar-se à sua criatividade e trabalhos que lhe dão prazer. Todas as pequenas coisas do dia-a-dia serão resolvidas pelos robôs e máquinas que estarão permanentemente à trabalho do homem que será totalmente livre para viver a sua missão e essência divina na terra.

Para onde estamos indo então? Paraíso ou Apocalipse? É este debate que precisa ser feito cada vez com maior intensidade na academia, nas ruas, nos fóruns de debate na internet, nas redes sociais, na mídia... Por todos os lados essas questões tão definidoras do rumos da evolução de toda espécie humana devem estar em relevância mas o que vemos acontecer é o absoluto contrário. A cada inovação e descoberta, o clima é de animação e excitação com a novidade, o novo que já tornou-se a tradição da nossa sociedade. O debate crítico popular precisa ser feito ao invés da população aceitar este papel de mero expectador de um show que é preparado a portas fechadas, a longas distâncias.

Esta crítica vem à partir de um novo olhar para as tecnologias e para sua função. Hoje vemos que os homens se moldam para encaixar-se na tecnologia, tanto físicas quanto virtuais. Cada inovação trás consigo uma necessidade de atualização dos padrões de uso e das relações sociais - quantas novidades já não modificaram mercados inteiros, não obrigaram milhares de profissionais a fazerem cursos para aprender as novas tendências, não modificaram padrões de interação entre pessoas, definiram novos paradigmas de relacionamentos, geraram novos vícios poderosos que geram crises de abstinência tão intensas quanto a de algumas drogas em tratamento? São os homens que tem se curvado e adaptado ao novo sob o risco de não participar da sociedade caso não queiram fazê-lo. Quando foi que a tecnologia assumiu tamanho poder e que o homem esqueceu de si?

Há também uma severa dependência no conforto proporcionado pela tecnologia. Geladeira, micro ondas, ar condicionado, GPS, celular, despertador... Inúmeros artefatos que parecem ser absolutamente indispensáveis à vida hoje. Mas essa incapacidade de viver sem estas máquinas, coloca o nosso corpo, a nossa mente, a nossa humanidade em segundo lugar. O homem vem se afastando da sua potencialidade física, animal, poderosa para tornar-se um dependente do conforto e do estado de inércia e simulação em que nos deixam as tecnologias. E a vida em sociedade vai se moldando ao redor desta dependência - quem não tem celular deixa de ser convidado para as festas, quem não tem Facebook não sabe o que está acontecendo em seu grupo de amigos, quem não usa Whatsapp se afasta das pessoas com quem convivia na época em que as pessoas ainda se ligavam... Sem contar o status que cada inovação representa na vida de pessoas. Os grupos que se organizam de acordo com seus artefatos mecânicos, eletrônicos e especiais.

Vimos a relação religiosa entre o homem e a tecnologia no geral, a visão espiritualizada do avanço científico enquanto sentido da vida inconsciente e a perda da conexão com a natureza e com as práticas místicas que não deixaram de correr em nossos genes, apenas se transmutaram discretamente para outros espaços assumindo novas formas. Agora vamos olhar mais de perto para estas formas tecnológicas e seus significados ocultos para tentar compreender à partir de uma perspectiva oculta os rumos preocupantes dos caminhos trilhados pela humanidade.

3.1 Tecnologias da Transcendência

“Começaremos pela definição de tecnologia. A tecnologia advém das técnicas primitivas, ferramentas fabricadas para manipular intencionalmente elementos da natureza com a finalidade de permitir a continuação da vida da espécie humana. Elas vão se tornando cada vez mais sofisticadas e transformadoras, mudando o organismo humano, as relações entre os grupos humanos, criando elementos que facilitassem este desenvolvimento. Os machados de pedra vem primeiro, a engenharia vem depois, construindo habitações e outras estruturas cada vez mais complexas, utilizando a junção de diversas técnicas e criando tecnologias novas.” (MURARO, 2009, p. 28)

As novas tecnologias tendem a criar novos ambientes, são processos ativos que remodelam os indivíduos, criam sociedades e inspiram novas criações tecnológicas. No século XX foram inventadas mais tecnologias que em todo a história da humanidade anterior e está sendo superado pelo século XXI. Acredita-se em uma aceleração exponencial, quanto mais se inventa, mais rápido se cria. Cada nova tecnologia serve de base para a criação de outras ainda mais avançadas e o espaço de tempo entre esta invenção diminui cada vez mais, criando o que é conhecido nos meios científicos como “aceleração exponencial do tempo”. Em suma, quanto mais avançados ficamos, mais rápido ficaremos ainda mais avançados. Tão rápido quanto, as consequências destas invenções chegam às massas, remodelando indivíduos e criando novas relações sociais em sociedade. No fundo, é uma instabilidade profunda dentro de todas as bases humanas, não há mais nada que mantenha-se como está durante muito tempo. O estado natural de ser é o de estar em constante mudança, imerso em permanentes novidades.

Dentre estas novidades, algumas se destacam por representarem maiores ameaças à vida no planeta como sempre a conhecemos, são estas as principais tecnologias que parecem ser movidas pela arrogância do homem que inconscientemente atende a seu chamado ancestral que clama pela transcendência e pela redenção e persegue a profecia de realizar o reino de Deus na terra, tornando-se igual ao criador.

Estas são as tecnologias que impressionam pela complexidade científica, que mesmo dentro do meio acadêmico, são tão especializadas que é preciso ser um especialista absoluto no assunto para ter condições de compreendê-las e analisar suas possíveis consequências. O

problema é que os cientistas com tamanha capacidade criadora, de fato acreditam que fazem o melhor pra humanidade, defendem que a evolução da espécie humana é tão lenta que hoje ela acontece nos âmbitos tecnológicos e que somente a técnica poderá nos fazer evoluir. Acreditam que esta evolução será proporcionada pela modificação científica do corpo humano através de próteses, modificações genéticas, transferência da mente para corpos maquínicos, entre outras promessas de imortalidade e superpoderes. Até que futuramente, uma nova raça inteligente surgirá, inteligência artificial. Clamam que paralelo ao homem, evoluiu a tecnologia e que é natural que ela chegue a um ponto de evolução tal que chegue a ultrapassar o homem em inteligência. A perfeita síndrome do Criador.

Iremos nos aprofundar na profecia futurista mais à frente. Por hora, não é preciso ir tão longe, já existem inúmeras tecnologias que fazem parte do cotidiano direta e indiretamente. Vamos passar brevemente por algumas delas que nos afetam indiretamente e, no próximo capítulo, aprofundar a análise para o espaço virtual que afeta diretamente a vida de bilhões de pessoas no mundo inteiro.

3.2. Tecnologia do Apocalipse

O século XIX foi um período de muita inovação, essa movimentação infinita acabou deixando as expectativas milenaristas um pouco de lado. Após tanta premonição apocalítica frustrada, a perspectiva do progresso acabou assumindo um papel pós-milenarista, ou seja, a crença de que o milênio já havia começado e que Cristo retornaria apenas após o Reino dos Céus já ter sido criado pelo homem. Foi um período de triunfo do racionalismo, do positivismo e da exaltação da ciência empírica enquanto caminho a ser trilhado.

As duas guerras mundiais do início do século XX mudaram este cenário novamente, reacenderam as premonições apocalíticas e, com elas, a proximidade da salvação do Reino dos Céus. Inúmeras tecnologias de guerra desde bombardeio aéreo e armas químicas até mísseis nucleares pareciam confirmar, no seu potencial de destruição e morte, a promessa pacífica de novos começos. A tecnologia nuclear especialmente foi considerada dentro do meio científico como um milagre capaz de salvar a humanidade e criar outro patamar de civilização onde o homem teria capacidade de explorar o planeta e o espaço com facilidade.

Os pioneiros desta descoberta acreditavam serem eles mesmos os encarregados da missão de avançar em direção à recuperação da imagem semelhança de Deus.

William Laurence, jornalista do New York Times, descreveu a primeira explosão nuclear em Los Alamos: “O super-sol nascente parecia um símbolo do nascimento de uma nova era. Me senti privilegiado por estar testemunhando o nascimento de um Novo Mundo. [...] Se o primeiro homem pudesse estar presente no momento da Criação quando Deus disse: ‘Que se faça a luz.’ Ele poderia ter visto algo muito similar ao que nós vimos.” (NOBLE, 1997, p. 108) Após a explosão pública de Hiroshima, Perry Miller escreveu sobre o seu significado milenarista: “Após séculos de especulação, a data e o momento tornaram-se precisos: 08:15 horas no dia 06 de Agosto, 1945, e o local não foi Roma. As últimas contribuições literárias sobre o Apocalipse marcam uma inovação: a narrativa tornou-se histórica pela primeira vez.”

Para a elite tecnológica envolvida com o desenvolvimento da tecnologia nuclear, a bomba atômica incentivava um clima de apocalipse que se aproxima. Para eles, o imperativo do desenvolvimento tecnológico definia suas vidas, alimentando uma fé quase fetichista no destino tecnológico e seus sonhos desesperados de transcendência. Movidos por suas compulsões tecnológicas, uma percepção “totalitária” do inimigo enquanto a incorporação do mal e uma crença no seu poder singular e destino de salvar o mundo, eles renunciavam a responsabilidade pelo holocausto que antecipavam e viam como um resultado inevitável do nosso tempo e da nossa tecnologia, consideravam inútil resistir.

Hoje a questão nuclear está sendo debatida criticamente por mais pessoas ao redor do mundo. A causa já atingiu uma parte da população jovem preocupada com seu futuro e inúmeras organizações e grupos ativistas focam somente na conscientização da população e em pressionar governos pelo fim dos seus programas nucleares e fechamento de usinas nucleares. Mesmo assim, muitos países como o Japão ainda são totalmente dependentes desta forma de produção energética e talvez a solução passe pela construção de sociedades menos dependentes de energia, ou ao menos, mais conscientes dos seus gastos energéticos para que não haja tanto desperdício.

3.3 Tecnologia da Criação

A engenharia genética encara os organismos enquanto uma máquina “molhada” da própria vida. Os engenheiros utilizam dispositivos mecânicos projetados para aumentar e simular os poderes dos seres vivos. Estes magos modernos estão preparados para voltar sua ciência prática e criação tecnológica pra própria vida, compreendê-la e, futuramente, criá-la.

Quando o homem adquire poder para criar novas espécies, novas formas de vida, ele assume o papel do Criador finalmente e chega em sua fase final de evolução onde pode decidir como será essa evolução, quais são as características que deverão ser valorizadas e quais são aquelas que não nos servem mais. Nos colocando à mercê de julgamentos dos tempos atuais como base para a criação de tempos futuros. Há anos atrás mulheres mais volumosas eram consideradas mais atraentes, hoje são as mais magras que chamam atenção. Ser canhoto era considerado uma aberração, hoje sabe-se que é extremamente normal e que canhotos tem a tendência a serem mais criativos que destros. Certamente nos nossos dias fazemos alguns julgamentos que podem até ter comprovação científica mas que poderão ser refutados futuramente por novos padrões ou novas descobertas. Mas é em um futuro breve que o novo homem será gerado à partir destes julgamentos temporais em laboratórios em algum país do norte.

A decodificação do DNA pelo Project Genome pode ter sido um dos maiores avanços tecnológicos de toda história da humanidade. Através da compreensão desta molécula que guarda todas as informações sobre a vida humana na terra, desde os mais remotos antepassados, assim como todo registro de replicação e reprodução de características positivas como doenças e fragilidades, passos concretos foram dados no estudo da manipulação da vida. Tal descoberta feita dentro dos laboratórios não poderia deixar de assumir um lugar de informação especializada, lógica e técnica. Embora muitos dentro dos ambientes religiosos acreditem que a decodificação do código genético seja a decodificação de Deus em si e da sua receita da criação do homem, essa perspectiva já não parece ser relevante nos tempos de desconexão com o divino, passa a ser apenas um ponto de vista, muitas vezes encarado com escárnio por aqueles que acreditam na ciência enquanto sentido da vida sem perceber o que está oculto nessa crença. Sendo assim, os próprios corpos de seres vivos tornam-se meramente máquinas (suas almas desconsideradas) de maior complexidade. O mistério da vida, para este campo de conhecimento, resume-se a somente mais um mecanismo.

Esta nova ciência de estudo e manipulação da vida através dos genes aplicada para fins tecnológicos é chamada de biotecnologia, a engenharia da vida. A engenharia genética

passou a ter fins comerciais e terapêuticos significativos. Os produtos, processos e até mesmo os próprios genes passaram a ser patenteados, o que tornou esse desenvolvimento tecnológico muito lucrativo. A indústria farmacêutica rapidamente reconheceu o potencial desse conhecimento. Hormônios de crescimento bovino foram produzidos artificialmente em grandes quantidades em laboratório e administrados em vacas para aumentar a quantidade de leite, inicialmente. Hoje em dia já se misturam genes de bactérias com genes humanos para produzir insulina ou hormônios para uso medicinal em humanos. Esse processo de manipulação da vida, aos poucos superou a necessidade de reprodução sexual, criando novos seres transgênicos, ultrapassando as barreiras entre espécies e reinos de plantas e animais. Genes de crescimento humano são inseridos em óvulos de porcos e vacas para criação de animais gigantes. Ratos de laboratório recebem genes cancerígenos para criar espécies de roedores que já nascem com a tendência cancerígena para serem utilizados em laboratórios. Genes resistentes a insetos de plantas de tabaco são inseridos em ovelhas. Genes de crescimento bovino e de aves em salmão e trutas e até genes fosforescentes de vaga-lumes em plantas. Tudo isso principalmente voltado para o lucro, desconsiderando os riscos desses cruzamentos de vidas que jamais se cruzariam se não fosse pela ação humana.

Esta nova tecnologia não pode não influenciar o inconsciente do homem que deseja igualar-se a Deus. Esse poder de domínio sobre a natureza, que “melhora” os organismos inferiores de acordo com suas necessidades e desejos, e também a busca pela própria perfeição humana representa apenas o início de promessas de tecnologias que irão definir a genética antes mesmo da fecundação do óvulo. Uma nova raça de super humanos, que definem antes de nascer desde a cor dos olhos até as aptidões esportivas e intelectuais, virá a dominar todos o resto da humanidade. Serão os novos Deuses encarnados e, imagina-se, nada misericordiosos.

3.4 Tecnologia da Evolução

“Inteligência Artificial é o estudo do comportamento inteligente em máquinas, a partir do comportamento de animais e seres humanos e a tentativa de encontrar formas pelas quais esse comportamento possa ser transformado em qualquer tipo de artefato, por meio da engenharia. É uma das tarefas mais difíceis e também – talvez – a mais

fascinante já empreendida pela humanidade. A robótica, que é o estudo dos artefatos sobre os quais se estão colocando mecanismos de inteligência, depende essencialmente: 1) da existência dos computadores digitais, que são a sua principal ferramenta; 2) da integração de várias ciências tais como engenharia, a psicologia, a neurociência (o estudo do cérebro humano), a biologia, a cibernética e a informática, entre outros.” (MURARO, 2009, p. 208)

O movimento Extropista é um grupo de futuristas e filósofos de Los Angeles na Califórnia que defende um série de cenários tecnofuturísticos que tem sido tema de inúmeros filmes e romances de ficção científica há décadas. Entre seus artigos, manifestos, sites e meios de comunicação é possível encontrar inúmeros prognósticos sobre exploração e colonização espacial, robótica avançada, inteligência artificial e extensão da vida. Eles se identificam com o empirismo cético radical dos meios científicos e se opõem violentamente a qualquer tipo de dogma. São violentamente otimistas e carregam uma notória hostilidade por qualquer voz de cuidado ou repressão deste cenário. Para eles, qualquer tipo de regulamentação atrasa o ritmo evolutivo e vai de encontro com o seu compromisso apaixonado com o potencial transformativo do novo ser projetado pela engenharia. Nos Princípios Extropistas 2.5, Max More, presidente do Instituto Extropista, proclama que nenhum limite “natural” está escrito em pedra e clama pela remoção de todos os limites políticos, culturais, biológicos e psicológicos para a atualização e realização do ser. Por vezes, se definem como um movimento de revisão do potencial humano à partir de um perfeccionismo tecnológico. More explica:

“Retirando os limites impostos sobre nós pela nossa herança natural, nós aplicamos o presente evolucionário que é a nossa inteligência racional e empírica para ultrapassar os confins da humanidade, ultrapassando as barreiras para os estágios transhumanos e pós-humanos que nos aguardam.” (DAVIS, 1998, p. 119)

Os extropistas se auto proclamaram mestres de sua própria mutação. Ao lado de perfeccionistas da Nova Era e tecnolibertários, eles justificam seus objetivos transhumanistas através do discurso da evolução humana. Acreditam que a seleção natural veio definindo a

humanidade através dos milênios, e que agora somos nós que devemos continuar nos transformando através de constante aprendizado, desenvolvimento e refinamento de si a um nível individual. A estratégia extropista para esse crescimento vem através das ferramentas que chama de tecnologias de transformação: cérebros-máquinas e técnicas de visualização, regimes de meditação e drogas de aumento cognitivo, redes de computadores e programação neuro-linguística. Max More reconhece que a visão “para frente e pra cima” (DAVIS, 1998, p. 122) dos extropistas e o comprometimento com a evolução pessoal pode preencher um vazio existencial deixado pelo colapso das narrativas religiosas tradicionais. Ele argumenta que, diferentemente do pensamento do século XX, a filosofia extropista proporciona sentido, direção e propósito para a vida humana; ao mesmo tempo, não tenta, como muitas religiões, suprimir a inteligência, resistir ao progresso ou prejudicar a busca pelo desenvolvimento.

Os extropistas não consideram que nossos sentimentos ou intuições tenham valor pro futuro. Muitos desejam transcender as emoções totalmente, outros defendem torná-las mais eficientes. Uma vez no caminho transhumanista, não teremos benefícios somente no aqui e agora mas, assim como santos aguardando o triunfo final, nós também estaremos ativamente preparando nós mesmos para o momento quando máquinas darão um salto quântico para além de toda a ficção científica e tudo mudará. Este será o momento quando realizaremos o sonho ancestral da imortalidade, teremos a capacidade de transferir a nossa consciência – nossa mente – para um computador. A tecnologia será capaz de nos reconstituir psicológica, genética e neurologicamente e, nós que teremos nos tornado transhumanistas, nos transformaremos em pós-humanistas – “pessoas” de capacidades físicas, intelectuais e psicológicas sem precedentes, auto programadores, imortais e ilimitados.

Segundo essa filosofia futurista que vem inspirando todo tipo de pesquisa e dando sentido à vida humana dentro de alguns grandes centros científicos e tecnológicos, a mente não é nada além de uma máquina, ou seja, é essencialmente um sistema físico que pode ser entendido, descrito e, teoricamente, replicado. À partir do momento em que tenhamos a compreensão do funcionamento do cérebro e possamos simular sua rede neural e estímulos químicos, poderemos criar uma mente (ou copiá-la) na outra máquina que pode simular todas as máquinas: o computador. As possibilidades de fazer esse upload de uma mente humana para dentro de um computador é implícita na teoria da informação que afirma que toda informação pode ser reduzida a pulsos controlados de energia elétrica. Como o cérebro é vivo de atividade elétrica, não é difícil repensar a nós mesmos e nossas experiências como padrões

de informação dentro da nossa caixa cranial. Conclui-se então que a personalidade humana nada mais é que informação.

É claro que essa linha de raciocínio é muito rasa na sua leitura da consciência humana, no papel do corpo em modular o pensamento e no poder da inteligência tecnológica. Só que por trás dessa leitura rasa do homem está uma leitura ainda mais rasa do que é a realidade. Segundo estes defensores de um futuro puramente simulado dentro de uma máquina, a realidade em si não passa de uma simulação, de um mundo virtual: imagens, sons, texturas e gostos são todos espectros de dentro do cérebro tecidos dentro de padrões conceituais preexistentes e os sinais que recebemos dos nossos sentidos definem o que é assimilado. Esses sinais nada mais são do que informação sobre como lidar com as coisas. Nessa visão, a experiência de mim e do que é real se forma à partir da memória, percepção e vários recursos cognitivos.

“Em um tempo onde parques de diversão e o entretenimento substituem a história e quando aparelhos eletrônicos cada vez mais suplantam a experiência corporal, o investimento no poder ontológico da simulação parece ser parte de um abandono das necessidades do mundo físico. Podemos desligar a mente da sua embalagem corporal tão facilmente e identificar o que é realidade como a habilidade de produzir percepção da realidade? Como podemos ter tanta confiança na identificação do ser apenas com a sua cognição e ignorar os elementos emocionais e transpessoais da mente?”

À partir da proposta extropista, não é mais preciso adotar uma visão mística ou religiosa para conseguir imaginar a liberação da nossa mente da sua ligação com o corpo mortal. Fazer o upload da mente para uma vida de pura simulação é na verdade uma espécie de fantasia cristã: como se tornar o espírito puro. A desconexão com a realidade e com o corpo para uma vida de pura percepção cognitiva pode parecer insano para a maioria dos seres humanos mas o real perigo é que não parece insano para aqueles que desenvolvem estas tecnologias isolados em grandes laboratórios. Eles acreditam estar definindo a próxima fase na evolução humana e também acreditam estar fazendo um grande bem para a humanidade em libertá-la de sua mortalidade.

4. A ALMA VIRTUAL

4.1 O Novo Espírito

John Perry Barlow, um dos fundadores da Electronic Frontier Foundation (EFF) uma das organizações mais importantes na defesa da liberdade e privacidade do ciberespaço é o autor da “Declaração de Independência do Ciberespaço” de 1996 que declara:

“Governos do Mundo Industrial, vocês gigantes aborrecidos de carne e aço, eu venho do espaço cibernético, o novo lar da Mente. Em nome do futuro, eu peço a vocês do passado que nos deixem em paz. Vocês não são bem-vindos entre nós. Vocês não têm a independência que nos une.

Os governos derivam seu justo poder a partir do consenso dos governados. Vocês não solicitaram ou receberam os nossos. Não convidamos vocês. Vocês não vêm do espaço cibernético, o novo lar da Mente.

[...] Estamos formando nosso próprio Contrato Social. Essa maneira de governar surgirá de acordo com as condições do nosso mundo, não do seu. Nosso mundo é diferente.

[...] Nosso é um mundo que está ao mesmo tempo em todos os lugares e em nenhum lugar, mas não é onde pessoas vivem.

[...] Seus conceitos legais sobre propriedade, expressão, identidade, movimento e contexto não se aplicam a nós. Eles são baseados na matéria. Não há nenhuma matéria aqui.

Nossas identidades não possuem corpos, então, diferente de vocês, não podemos obter ordem por meio da coerção física.

[...] Criaremos a civilização da Mente no espaço cibernético. Ela poderá ser mais humana e justa do que o mundo que vocês governantes fizeram antes.”

Neste texto é instituída uma divisão entre o mundo da matéria que é associado com os governos e outras organizações do “mundo real” que querem acabar com as liberdades do espaço virtual e o mundo que está sendo criado que é o mundo livre da mente onde não há matéria apenas pensamento. É uma contraposição tradicional na ideologia religiosa que defende a pureza do espírito contra as impurezas da carne, o mundo espiritual versus o mundo material. Este conflito de milhares de anos agora encontra um novo terreno para florescer, o ciberespaço.

O motivo que muitos libertários de hoje amam a internet é que a sua estrutura descentralizada, eficiente, desregulada e rica de oportunidade encarna o ideal libertário e resiste tecnologicamente ao controle centralizado. O movimento software livre é o anarquismo do mundo incorpóreo do espaço virtual. A internet tornou-se um simulacro de um mundo libertário: uma plenitude desregulada onde habilidades tecnológicas podem superar a inércia da história incorporada, onde estruturas políticas e econômicas derretem entre fluxos de informação e um novo paraíso onde a vida acontece de modo dinâmico surge por entre telas brilhantes. Há uma sensação generalizada de tédio no mundo real, onde tudo acontece muito lentamente, de acordo com as leis da matéria e da natureza. Os processos no “mundo real” ocorrem muito lentamente e as bases deste mundo já estão tão cristalizadas que cada mudança é atingida como resultado de anos de luta e transformação. Enquanto isso, no virtual tudo é efêmero. A internet é como o rio de Heráclito, um homem nunca põe o pé na mesma rede porque ela muda o tempo inteiro, fluindo de informação nova. A cada minuto milhares de novidades surgem, notícias novas tornam as notícias da hora passada obsoletas, a moda de terça já foi esquecida na quinta. A vida parece acontecer no espaço virtual enquanto ela espera no espaço do real.

Vivemos um sério desequilíbrio no espaço-tempo porque estamos vivendo em dois espaços e dois tempos, vivemos no espaço da matéria onde o tempo histórico corre lentamente e, ao mesmo tempo, vivemos no espaço virtual onde o tempo corre rapidamente. Poderíamos flertar com a ideia de que estamos, enquanto humanidade, optando por viver em uma dimensão paralela e a única maneira de acessá-la é saindo dos corpos que nos prendem a esta realidade tomada pelo desamor, por crises, por desastres, miséria, fome, destruição da natureza... O homem está beirando a catástrofe planetária, o apocalipse parece ser iminente porém o novo mundo que surge após a calamidade final parece já ter sido parido por entre as telas dos computadores, já estamos vivendo um processo escapista de nosso corpos para viver eternamente enquanto mentes em uma dimensão paralela. Por isso, quando falamos sobre

transhumanismo e inteligência artificial não estamos falando de ficção científica, estamos falando de um panorama que já está além de seus primórdios, parece mesmo ser o rumo natural para o futuro já que o construímos no presente e é este o presente: o escapismo da realidade para uma nova dimensão.

Sob o impacto da alta tecnologia, o mundo está em mutação de uma economia física para o que podemos chamar de economia metafísica. É um processo de reconhecimento que a consciência, ao invés de matéria prima ou recursos naturais, constitui riqueza. Cada vez mais o trabalho braçal está sendo delegado para aqueles que têm menos condições intelectuais e desconsiderado como trabalho digno enquanto o trabalho considerado interessante e lucrativo acaba sendo, na maioria das vezes, puramente mental na frente de computadores. De arte a engenharia, a produção é mediada pelas máquinas acontecendo no mundo virtual. No mercado financeiro isso pode ser visto com ainda mais clareza porque é onde o dinheiro ascende para órbitas angelicais, magicamente se multiplicando em um cassino de pulsos de luz e manipulações simbólicas. Produzimos na outra dimensão e é pra esta dimensão que vai o valor de nossa produção. As corporações e suas redes de troca e fluxo de dados ultrapassam as barreiras territoriais e sociais de nações porque isso não existe onde acontecem, alguns pensadores defendem que a economia virtual transcende ao invés de simplesmente estender as economias materiais prévias da indústria e agricultura. O futurista George Gilder coloca: “O evento central no século XX é superar a matéria... Os poderes da mente estão ascendendo em todos os lugares acima da força bruta das coisas.”

Para Hakim Bey, a “economia metafísica” depende da alienação entre a experiência corporal e mental, uma alienação que recebe forma religiosa intensa. Embora nossa cultura materialista tenha abandonado este misticismo, ele argumenta que a mídia de massa e as tecnologias de informação aprofundam a cisão entre corpo-mente ao fixar a nossa atenção em informação alienada ao invés da interação direta, face-a-face, e experiências da vida humana material.

“Neste sentido a mídia assume um papel religioso ou clerical, parecendo nos oferecer um caminho para fora de nossa experiência corporal pela redefinição do espírito enquanto informação. A consciência se torna algo que pode ser baixada, removida do mundo animalesco e imortalizada como informação. Não mais “fantasma na máquina”

mas sim máquina como fantasma, máquina como Espírito Santo, o último mediador, que irá nos traduzir de um caos corpóreo para um pleroma de luz.”

Assim como o espírito santo, um meio invisível que nos permite conectar com o espírito de Deus, as máquinas incorpóreas da mídia e da informação oferecem transportar nossas almas de dados fora do corpo e dentro de um outro mundo virtual. Essa oposição entre a carne e o corpo etéreo da informação é “resolvida” com a redução da consciência para mente pura. Como vimos no capítulo passado, abre-se mão de sensações, emoções, energia corporal e intuição em nome da cognição enquanto definição do que é a realidade pois só assim é possível abrir mão dela e nos teleportar para uma nova dimensão. Estamos dando os primeiros passos de uma evasão do homem pelo próprio homem que desiste de sua dimensão, cria uma nova e abre mão de si, de seu corpo, de sua potência para viver em um mundo simulado porém fluído e dinâmico.

O que falta é movimento, o homem tem muita energia de criação e manifestação mas estamos presos em um mundo real estático em que poucos são aqueles que têm o direito de exercer sua criatividade. Já no campo virtual, qualquer um pode criar um vídeo, um meme, uma frase e ser visto e considerado como contribuinte do fluxo da rede. É um movimento dinâmico e coletivo. Muito mais interessante do que os controlados movimentos permitidos na matéria que são regidos por uma normalidade imaginária e imposta por instituições anacrônicas e valores deturpados. O que está acontecendo é a criação de uma nova espécie que já não precisa mais do corpo que passa a ser um mero apêndice, o Homo Sapiens está virando o Homo Cyber.

4.2 Magia Virtual

As palavras máquina e magia têm raiz etimológica comum em proto-indo-europeu *magh* que significa “ser capaz, ter poder”. Uma máquina é uma coisa que pode e um místico é uma pessoa que pode. O espaço virtual é mais que uma simples virtualidade programada, ele encarna diversos arquétipos típicos da psique como estudados por Jung que já não refletem os caracteres do homem reduzido a alguns padrões midiáticos. Jung afirma que a psique é gerida

por genes imagéticos ancestrais que vibram desde os primórdios de acordo com mitologias e escatologias passadas. Hoje em dia falamos de inconsciente coletivo, um conceito Jungiano que vem ganhando cada vez mais força desde a expansão das novas tecnologias de comunicação, especialmente as redes sociais. Esse inconsciente fala sobre ideias que parecem permear todas as mentes de uma determinada comunidade, hoje em dia já fala-se sobre o inconsciente coletivo global já que o mundo inteiro está conectado a esta rede infinita da internet. A internet aumentou a conexão energética entre as pessoas, não existe mais distância já que o corpo físico não é mais necessário para que a comunicação aconteça, nem mesmo cabos analógicos, hoje todas as transações acontecem pelas ondas eletromagnéticas invisíveis. Acontecem nesta dimensão alternativa em que a mente impera separada de todo o resto, o invisível prevalece durante a troca de informação que vai mover o visível posteriormente.

Esse processo de movimentação no invisível para posteriormente influenciar o “mundo real” é bastante semelhante a qualquer ritual de magia que lida com a manipulação energética. O mago se conecta com espíritos, com guardiões, deuses, vibrações, sensações no campo do invisível na intenção de alterar e obter algum resultado concreto na sua realidade. Um ritual é preparado com muito cálculo, muita atenção ao detalhe e aos símbolos, podemos dizer que é programado só que através de uma linguagem totalmente abstrata enquanto a programação da computação é preparada com muito cálculo, muita atenção e muita atenção ao detalhe só que através de linguagens absolutamente racionais, lógicas e matemáticas. Após a sua programação, o mago e o hacker interagem com sua criação através do poder de sua mente em controlar seus programas. Enquanto o mago está usando seu ritual sem a mediação de uma máquina e se comunicando com o invisível simbólico que é tornado visível a ele pelo poder de sua mente focar e acreditar no que está fazendo, o hacker usa seu programa mediado pela máquina para se comunicar com aquilo que tornou-se visível por causa da sua criação. A mediação tecnológica acaba suprimindo a necessidade da crença e da fé já que os olhos podem ver perfeitamente as intenções criadas pela mente. Se a mente deseja se comunicar através de emoticons de ovelhas, o programador possibilita essa visão na tela e assim é fácil crer que ali está uma representação de uma ovelha. Na mágica, o processo é semelhante só que ela acontece sem a visão e sem a tela no meio, a mente assume o papel do computador.

Os místicos se conectam com deuses e espíritos enquanto os internautas se conectam com outros internautas. É uma comunicação muito diferente que deve ser comparada a uma borboleta se comunicando com outra borboleta e uma borboleta se comunicando com um elefante: entre as duas da mesma espécie elas se conhecem, se compreendem e trocam

informações que dizem respeito à sua sobrevivência, a sua relação entre si. Seus códigos para envio de mensagem são os mesmos. Já entre a borboleta e o elefante, a comunicação pode acontecer de uma maneira muito sutil, uma bater de asas nas costas do elefante pode gerar uma cosquinha que faz com que o animal bata sua tromba para se coçar, movimentando sua energia por causa dessa comunicação. A movimentação de energia é essencial para que o processo aconteça de maneira bem sucedida. Então o que os místicos fazem é se comunicar através da mente com os elefantes, são estratégias de comunicação muito sutis e é necessário muito treino para perceber as respostas e as movimentações energéticas nesta conversa. Entre dois homens, pelo contrário, criamos diversas tecnologias que servem para fazer a mediação (a crença) e já temos todos os códigos necessários para que a compreensão do outro não precise ser sutil, embora falemos bastante sobre subjetividade e sobre as diferenças internas de todos os seres. Mas aquela energia primeira que estabelece essa comunicação mental é a mesma entre os homens e entre os espíritos.

As novas tecnologias de comunicação, especialmente as redes sociais, quebraram todos os paradigmas de distância entre as pessoas, podemos nos comunicar com qualquer pessoa, a qualquer instante e, através da comunicação móvel dos smartphones, provavelmente essa pessoa receberá nosso chamado imediatamente. Precisamos apenas pensar em alguém para estar conectado com ela, isso não é magia? É bastante semelhante já que muitas correntes místicas defendem que o pensamento busca conexão energética quando pensamos em alguém. A internet vem possibilitando essa conexão a partir de uma linguagem visível e através de justificativas racionais de troca de informação. Porém como vimos durante todo esse trabalho, o inconsciente espiritual segue atuando através das nossas inovações e movimentações tecnológicas. Reproduzimos práticas milenares de magia e conexão através das nossas interações virtuais reduzindo a necessidade de ritual a mediação tecnológica.

A intenção é uma das principais ferramentas místicas, o que a mente decide impulsiona uma série de acontecimentos para que esse objetivo seja realizado durante um ritual. Antes de começar alguma cerimônia, prática de Yoga ou outra ferramenta espiritual, focamos na intenção, o que queremos obter com essa experiência e por que estamos fazendo isso. O que vivemos na comunicação virtual é o império da intenção banalizada, qualquer objetivo colocado pela mente é atingido facilmente pelas máquinas. Se desejamos obter qualquer desejo mental, qualquer fagulha de ideia é só nos conectar a essa dimensão paralela

em que o esforço para atingir seus objetivos mentais não é mais tão necessário. O ciberespaço abriu tantas portas para a alimentação da mente desejosa de conhecimento ou entretenimento que na verdade atingimos o que tantos bruxos de meia tigela sonharam há séculos atrás, a obtenção dos desejos sem a necessidade da disciplina ou dos sacrifícios pessoais. A magia possibilitava a obtenção de informação e de desejos mas era através de um processo temporal prolongado e quanto maior a intenção maior o mago necessitava trabalhar em parceria com seus auxiliares invisíveis. Se sentimos uma ânsia por um novo emprego, podemos buscá-lo na rede, bolo de chocolate com calda de amendoim, aulas de encadernação, física quântica, gatos fofos, tantra yoga... Tudo está ao alcance de um clicar de dedos, como um passe de mágica.

Vemos hoje uma epidemia de ansiedade entre os jovens que compreendem o poder desta ferramenta que abre todas as portas para todos os desejos mas não sabem como usar esse poder. Antigamente, a intenção era um acordo consigo mesmo, um desejo pulsante por alguma coisa e este desejo movimentava a energia do universo que conspirava para que esse objetivo fosse concretizado caso a pessoa fosse mesmo merecedora deste desejo segundo leis do karma ou ações corretas, uma vez atingida determinada intenção, esta impulsionava a próxima já que era resultado de muito trabalho para sua obtenção. Hoje é tão fácil suprir as curiosidades e desejos da mente que não há mais necessidade de ser merecedor, não há demanda energética para a concretização dos sonhos. Sendo assim, banaliza-se tudo, vivemos a síndrome do desinteresse... Tudo nos é dado de bandeja, não há mais necessidade de se melhorar para atingir a determinada intenção. Assim, no dia que comemos o bolo de chocolate com calda de amendoim já estamos fartos dele e queremos então o curso de encadernação que assim que começamos já nos entedia e o abandonamos para a próxima fagulha de vontade que acende algum desejo qualquer na mente.

Aos poucos nos acostumamos com uma vida de desejos frustrados em sua concretização. Tanto porque foi muito fácil atingi-los com uma pesquisa no Google como porque a própria sensação de desejo já não é mais tão forte quanto era em outras épocas. Talvez não seja nem uma questão de intensidade, será que o desejo virtualizado vem do mesmo lugar que o desejo real? Um desejo era uma potência, um sonho de vida, um fogo que ardia dentro do ser e que tomava muita energia física de ação para sua realização. Hoje o desejo se confunde com a vontade que nasce nas emoções e imaginações, passa pra mente como uma ideia, vai para um site de buscas onde já podemos descobrir todas as informações e possibilidades reais de concretizá-los. À partir do momento que já sabemos tudo sobre nosso desejo, ele perde sua potência, se encaixa naquilo que é possível e quase ninguém mais realiza

o impossível por não saber que era impossível. Os sonhos serviam para movimentar os limites do possível, o homem evoluía por causa deles. Mas agora já temos uma referência para tudo, já temos quem nos diga o que é a realidade e o que é impossível. Qualquer vontade é instantaneamente catalogada e organizada dentro do que já existe e está registrado no Google ou em outra plataforma que vem assumindo o papel de referência da realidade.

Esta dimensão paralela do ciberespaço define o que é real e o que não é na dimensão da matéria. O que está catalogado, o que tem site, fanpage, grupo no Facebook é real. Já o que não está, não tem valor. Parece que precisamos pesquisar sobre a validade de nossos desejos, sobre a possibilidade de realização criativa a partir das informações disponíveis no grande catálogo da internet. Só que a partir do momento que investimos uma energia de sonho que nasce nos nossos corpos materiais e a transferimos para a dimensão da internet, essa energia torna-se parte da rede e quando ela retorna para nossos corpos como uma série de pesquisas e conceitos, ela já não é o sonho inicial, ela foi transmutada e encaixada na racionalidade lógica e matemática que rege aquele outro mundo. Estamos perdendo cada vez mais a conexão com os processos da matéria já que este mundo incorpóreo do virtual funciona a partir de leis a que não estamos ancestralmente acostumados. Existe uma disparidade entre as próprias sensações e o peso das ações que acontecem em um lugar e em outro.

Só que como os processos do mundo real são regidos por leis invisíveis e temporalmente muito diferentes do mundo virtual, parece que estamos diante de uma escolha: onde viver? A dimensão virtual é regida pelas leis da programação matemática, o tempo é rápido, o acesso aos desejos e informações é imediato, a conexão com o outro acontece mediada pela máquina, não é preciso crer, não é preciso imaginar. Tudo é entregue em uma bandeja para aquele que escolhe viver intensamente no campo mental. A dimensão real é refém de sua história, escrava das leis naturais, das estações e ciclos da vida. Uma intenção é carregada de necessidade de esforço. É regida pelas leis do simbólico, dos arquétipos, do abstrato mesmo que estas já estejam tão escondidas no inconsciente que não possamos analisá-las com tanta clareza. Nada é entregue de bandeja mas as sensações são intensas, as emoções vivas e nem tudo que é sonhado está catalogado mas nem por isso não é possível. Vivemos no campo do possível, por mais que muitas culturas sejam programadas para não permitir esse tipo de ideia.

4.3 Abdicação de *Ser Humano*

Estamos de pé na frente de uma bifurcação entre dois caminhos evolutivos. Um deles representa a entrega total do homem para a simulação virtual que levará à criação de transhumanos, homens que vivem dentro de máquinas, inteligência artificial, legiões de robôs geridos por leis matemáticas ultra racionais que serão mais inteligentes que nós, os criadores. Outro leva para uma valorização da potência humana a partir da compreensão de que o corpo humano é muito mais completo e perfeito do que qualquer máquina e que não há necessidade de tanta entrega para a simulação já que a realidade é verdadeira. É possível que uma catástrofe ambiental venha ser o abridor de olhos para este outro caminho em que retornar a modelos de vida mais comunitários em conexão com a natureza e escalas menores de necessidades seja o início de um novo caminhar. Porém, enquanto a catástrofe não vem, o que estamos vivendo são os primeiros passos dados na direção do primeiro caminho.

Estes primeiros passos são uma abdicação do homem tradicional, aquele que sempre foi conectado com sua espiritualidade de alguma forma, movido por preceitos morais e valores que, embora divergentes em cada época distinta, serviam de base para a sustentação de suas relações e emoções no geral. As emoções ainda são uma realidade humana e podem ser o paraíso ou o inferno no corpo de quem as sente. Este caminho da simulação virtual é, antes de tudo, uma evasão das emoções. Reduz-se toda fagulha a uma categoria, toda emoção encontra alívio na meditação fria que ocorre na frente da tela do computador que não gera sentimentos. Quando estamos concentrados no computador, nossa mente está em meditação guiada por programas regidos pela lógica, pela frieza matemática. Muitas vezes alguns conteúdos recebidos podem gerar sensações (riso, choro, angústia, inveja) mas só até a próxima aba do navegador chamar mais atenção.

O estado meditativo sempre foi muito utilizado pelas mais diversas linhas espirituais como método de auto-observação interna, uma maneira de entrar em contato com a sua essência interior e de conversar com seu espírito. Este estado mental também está registrado em milhões de ancestrais que praticaram essa concentração ao longo da história da humanidade. Não é à toa que é tão prazeroso concentrar-se perante a tela do computador que permite a entrada neste estado de atenção profunda e desconexão com o corpo sem o esforço ou a disciplina que sempre foi necessária para atingir a estes graus meditativos não mediados pela máquina. Mais uma vez o ciberespaço reproduz de modo “logicamente justificado” uma

experiência espiritual. Só que ao invés do mergulho dentro de si, ele proporciona um mergulho dentro da rede global.

Não mais meditamos para olhar internamente, agora meditamos para nos conectar com o mundo externo que não deixa de ser regido por grandes corporações e interesses econômicos e políticos que cada vez mais dominam o espaço e cerceiam a liberdade de criação dentro dele. Este mundo externo é a tal dimensão paralela onde tudo ocorre em um tempo instantâneo e esforços não são necessários para a satisfação de desejos da mente. A mente está acostumada a imergir nessa consciência coletiva que forma a rede e cada vez mais viciada em conectar-se com outras mentes incorpóreas no ciberespaço. Não é a toa que o inconsciente coletivo está cada vez mais evidente, pessoas distintas e distantes pensando as mesmas coisas, pessoas de lados diferentes do planeta tendo as mesmas ideias, sincronias e coincidências que se encaixam com os momentos de vida que cada um vive, é como se uma força invisível estivesse regendo as relações. Só que esta força antigamente era chamada de Deus porque essa conexão não tinha mediadores tecnológicos. Agora chamamos essa força de inconsciente coletivo da world wide web. A internet está substituindo Deus e seus milagres? Ou será que está simplesmente representando matematicamente uma força que já existia na espiritualidade e reduzindo-a a uma representação logicamente justificada?

Se Deus é o inconsciente coletivo provocado pela conexão meditativa à rede global de informações, os nossos espíritos agora também foram projetados para o ambiente divino do ciberespaço, ambiente externo mais uma vez. Inúmeras religiões do passado defendiam que todos os seres estão em processo de evolução espiritual, que vivemos várias vidas para aprender e nos aprimorar e que todas as provas que passamos fazem parte dessa jornada. O trabalho interno das emoções e pensamentos era parte essencial desta busca do autoconhecimento que levava à uma evolução mais rápida e profunda do espírito. Mais uma vez, hoje a internet substitui essa necessidade de esforço para atingir metas espirituais, o espírito tornou-se o seu perfil no facebook, no twitter, no gmail... As pessoas tendem a manter uma coerência entre suas diversas plataformas, não é a toa. É o seu espírito que está ali representado agora, a fagulha de vida que as representa fora de seu corpo. E não é mais preciso passar por provas para melhorar o espírito, apenas é preciso copiar e colar frases inteligentes, fotos de momentos felizes, compartilhar o que tem a ver com a sua essência, seguir o que te move, etc. Não é a toa que cuidar da sua imagem virtual tornou-se uma febre tão grande entre os internautas, cuidar do seu perfil é evoluir o seu espírito inconscientemente.

Quanto melhor o perfil, mais provável será a salvação após a morte. Talvez nem após a morte, será possível viver em um paraíso simulado na dimensão paralela?

Não tem erro. O que o ciberespaço representa para o homem é a espiritualidade travestida de comunicação. Ele flerta com a realização de desejos ancestrais preguiçosos, o fácil acesso às promessas místicas que sempre foram resultado de muita disciplina e trabalho interno. Não é mais necessário passar por provas e expiações, a internet é o trabalho rápido do espírito que hoje resume-se à mente. Enquanto isso, a humanidade vai sendo transcendida para um estado vazio de significado já que é regido por números e cálculos. Entregamos nossas almas a um mundo racional porque temos pressa para realização de nossos desejos espirituais de evolução e transcendência, fuga do mundo corporal para o paraíso desincorporado.

O corpo vai sendo deixado em segundo plano, assim como as emoções e a realidade em geral. São muitos os que já vivem conectados todo o tempo em que estão acordados. As emoções e as relações também vêm sendo diminuídas a hashtags e curtidas. Estamos vivendo cada vez mais em um mundo de pessoas silenciosas, contidas e desconectadas das suas sensações. O sonho de abandonar de uma vez por todas essa carga que é o corpo e suas necessidades físicas e afetivas já permeia grande parte da sociedade inconsciente que acredita estar curtindo fotos de colegas e qualificando informação. Estamos flácidos, cansados, preguiçosos, viciados em confortos e facilidades proporcionadas pela tecnologia, completamente esquecidos das dádivas de um corpo saudável, cheio de vitalidade e de sentidos aguçados. Temos medo de sentir, recalamos todo tipo de emoção e quando não conseguimos evadi-las nos conectando a uma tela brilhante, tomamos remédios antidepressivos para sentir um pouco menos intensamente. Quase metade do mundo está tomando antidepressivos na esperança de que o dia em que abrir mão de toda emoção chegará através da transferência da mente para um corpo máquina que não sente, que não se emociona e que não se descontrola. Nossa mente já vive dentro da máquina enquanto espírito no ciberespaço, a grande tortura é ainda ter que lidar com essa humanidade corporal.

Não existe mais o espaço interno, e o divino, o sutil e o simbólico que regeram civilizações inteiras até bem pouco tempo atrás se foram. Tudo está sendo resumido à racionalidade, à tecnologia e ao ciberespaço. O homem está se encaixando nas leis da máquina ao invés de usar a máquina para expandir a sua humanidade como sempre foi. Se nos

romances de ficção científica nos deparamos com os robôs que sonham em ser humanos, em compreender os sentimentos e a intuição, na realidade vivemos o oposto, são os homens que estão sonhando em ser máquinas e viver eternamente sem os sentimentos e as intuições. Será que criamos uma realidade tão tenebrosa que estamos dispostos a abandoná-la? É um ciclo vicioso na verdade, quanto mais nos desconectamos de nossa raízes espirituais e abrimos mão do invisível para a perspectiva racional e visível da tecnologia, mais nos desconectamos de nós mesmos, de nosso espaço interno e acabamos piorando a realidade. Emoções vazias de valores regem os nossos tempos: ganância, corrupção, violência, exploração, raiva, preconceitos... Tudo nasce dessa mente desconectada do superior mas que tenta desesperadamente encontrá-lo no lugar errado. Orai e vigiai não é mais palavra de ordem. Não é mais necessário esforço algum para transcender o corpo, apenas um apertar de botão. Nesta terra da preguiça, reina o mais preguiçoso, o mais desconectado, o mais calculista, lógico e maquínico. Quanto mais nos tornamos máquinas, mais desvalorizamos a realidade e mais queremos abandoná-la. Estamos presos em uma ânsia pela fuga final para o paraíso virtual e enquanto isso vamos nos autodestruindo aos poucos.

5. CONCLUSÃO

5.1. A Transição

Os Mayas da Guatelmala previram que o fim do mundo seria no dia 21 de Dezembro de 2012. Na verdade, a parte do fim do mundo foi uma interpretação leviana da mensagem realizada pelos profetas da atualidade. O calendário Maya termina neste dia, por isso a especulação sobre o fim dos dias. Só que a verdadeira mensagem deixada pela misteriosa civilização é a de que este dia era o último dia de uma era astrológica, a Era de Peixes. E que à partir dali o mundo entrava em uma nova era regida pelo signo de Aquário. Cada uma dessas eras leva cerca de três mil anos e toda a organização da vida humana e do sentido desta se reorganizam ao redor das características da constelação que está a reger o período.

A Era de Peixes foi a era da matéria. O ser humano passou a se expressar espiritualmente através daquilo que pode ser tocado, sentido, possuído e manipulado fisicamente. Foi uma época de grandes avanços tecnológicos e do foco da vida no comércio, a troca de bens tornou-se a atividade primordial e o sentido da vida na terra. As transações financeiras tomaram o lugar de todos os valores anteriores e muitas das tradições e rituais sociais foram lentamente destruídos em favor do livre consumo e da produção a baixo custo.

Foi o tempo da ciência em que o homem compreendeu racionalmente a maioria dos fenômenos físicos que regem a natureza e a ele mesmo. Nós, pequenas partículas de universo combinadas em consciência e energia densa, cumprimos a função de compreender a nós mesmos, ou seja, o universo se compreendeu durante esta era. Entendemos muitos dos mecanismos da criação divina e assumimos o papel de mestres do planeta terra. Nos desconectamos da natureza por visualizá-la como uma mera abundância material de recursos naturais que servem para ser manipulados e transmutados em objetos mais úteis e mais valiosos de acordo com os preceitos culturais que regem esta época materialista ao extremo, sem dar atenção à utilidade mais abundante da natureza que é a vida e a capacidade de nutri-la. A nossa desconexão com a natureza é apenas um reflexo da nossa desconexão com nós mesmos e desse pensar voltado estritamente para a matéria e para uma racionalidade radical que não admite simbologias ou conexão com o invisível e que cada vez mais nega qualquer comunicação com o espaço interno do homem devido à grande dependência do externo, do material e compreensível racionalmente. Porque outro motivo poluir mares e rios, desmatar florestas inteiras e provocar a extinção de milhões de espécies pareceria valer a pena em troca

dos bens financeiros e utilidades voltadas para o conforto do cotidiano vivido em formigueiros de concreto?

Esta era chegou ao seu limite, como as que a precederam, mergulhada em uma profunda crise. É uma crise primordialmente interna, uma crise de desconexão com o corpo, com as emoções, com o espírito, com os valores e com a potencia humana. Por causa dessa falta de sensibilidade provocada pela dependência dos fatores materiais e externos para guiarem tudo que diz respeito à vida na terra de grande parte da população, estamos imersos em problemas em absolutamente todos os setores que regem a vida humana. São problemas econômicos, ambientais, sociais, afetivos, de gênero, de identidade, conflitos, guerras, disputas territoriais, preconceitos, separação, doenças, proibicionismos, ditaduras, neoliberalismo, exploração infantil, exploração sexual e por aí vai em uma lista infinita. Está *tudo* errado.

É deste momento de crise absoluta que nasce a era de Aquário. Na verdade, tamanha crise é indicador do fim de toda uma estrutura que nos regeu pelos últimos três mil anos. Já aconteceu antes e vai acontecer futuramente. É apenas uma marcação clara de que tudo que vivemos não nos serve mais, chegamos ao seu fim. Entramos agora em uma era que é voltada para a espiritualidade, para a conexão com o invisível, manipulação energética, comunicações extremamente simbólicas e metafóricas que jamais poderiam ser interpretadas por máquinas. É um momento de retorno aos rituais, de retomada dos valores ancestrais de conexão com a natureza e de união com o próximo. Não é a toa que o conceito de redes já vem se popularizando há algumas décadas, não é a toa que as ferramentas de conexão e comunicação estejam cada vez mais abrindo as portas para esse novo tempo de consciência, meditação e muito trabalho interno.

Esta nova era não irá negar tudo que aprendemos na era da matéria. Não vamos esquecer todo avanço tecnológico e nem o poder da racionalidade. Mas iremos apenas trazer tudo o que conquistamos para uma ressignificação, um novo olhar sobre todas as nossas riquezas e conhecimento que respeite a natureza, que respeite os valores internos de cada um, a singularidade de cada pessoa que caminha pela terra e como aplicar tudo que aprendemos para uma vida mais conectada com o universo invisível que nos rege. É hora de voltar a olhar pra dentro e de voltar a se reconhecer como homem, voltar a conectar-se com a potencia humana de criação e movimentação, levantar da cadeira.

Já são muitas as iniciativas que indicam os caminhos deste novo mundo que já está em construção há algum tempo. Muitas pessoas já estão saindo das cidades, voltando para a natureza e para a vida em comunidade. As ecovilas (comunidades voltadas para uma vida mais sustentável e coletiva) estão se proliferando ao redor do mundo, provocando um gradual retorno a uma vivência mais tribal e menos individualista. A permacultura e a agroecologia estão bastante presentes nestas comunidades mas também proliferam-se como alternativas para o agronegócio e para a produção rural que respeite mais a biodiversidade e as condições naturais de plantio e produção. As terapias e práticas holísticas de saúde integral (que integra mente, corpo e espírito) estão cada vez mais populares diante de uma medicina falida que trata o sintoma e não as raízes do problema. Estas terapias vêm provocando uma grande abertura espiritual em grande parte do mundo e trazendo a possibilidade de uma maior conexão com o espaço interno tão esquecido há tanto tempo. Já são muitas as pessoas que se abrem para o invisível ao perceberem os resultados profundamente transformadores de seus tratamentos e curas. A música eletrônica também é parte importante na criação deste novo mundo por assumir a parte mais ritualística de conexão com uma ancestralidade tribal energética. Já vemos festivais por todo o mundo que chegam a receber 20 mil pessoas e, durante a sua duração que varia entre três a dez dias, tornam-se verdadeiras zonas autônomas temporárias em que toda uma cultura da psicodelia e expansão da percepção através de influências sonoras e uso de substâncias psicoativas se alastra e cura muitas pessoas de suas experiências desanimadoras de inércia cotidiana, inspirando também maior união e conexão entre aqueles que dividem uma pista de dança e vibram na mesma batida por muitos dias.

O grande desafio ainda é conectar tudo isso com um novo olhar sobre as tecnologias. Já existem diversas iniciativas de hacklabs, espaços autônomos de estudo e produção de software livre que mesclam uma série de tecnologias para a criação de novas possibilidades virtuais e físicas e muita experimentação com as mais diversas ferramentas. Esta relação com a tecnologia que será essencial para repensar os rumos da humanidade que segue nesta sede tecnológica irrefletida. À partir do momento em que o homem voltar a se conectar com sua espiritualidade e seu espaço interno e parar de projetá-la na tecnologia e no espaço virtual, estes terão que ser repensados para cumprir papéis diferentes dos que assumem hoje em dia. O homem conectado com a sua potência não mais permitirá o seu domínio pelos softwares e hardwares. E os hacklabs serão um espaço de criação desta nova relação com a tecnologia que será mais amigável e mais artesanal, local e conectada com as necessidades de cada

comunidade. Computadores artesanais. Hard-drives raros. Chips que refletem a comunidade onde são criados.

5.2 A Verdadeira Evolução

Com a chegada da era da espiritualidade, muitas outras potências que sempre foram resguardadas para alguns guardiões do oculto se abrem para todos os homens. Com o intenso trabalho interno, adentramos uma era da magia que tanto estamos tentando encontrar nos nossos computadores. Abrimos a sensibilidade para nos compreender e compreender o outro. A intuição passa a ser um sentido tão importante quanto os outros (visão, olfato, tato, audição e paladar) e nossas relações são profundamente alteradas pela percepção da verdade antes de qualquer tipo de comunicação.

Em um mundo não muito distante, a telepatia assume o papel do smart-phone. As visualizações mentais substituem o Instagram. A energia corporal representa a tela brilhante. A clarisapiência supera o Google. A intuição descarta a necessidade de Whatsapp. Os rituais encantam mais que o Facebook. A dança produz mais emoções que os seriados americanos. A vida em comunidade informa mais que o feed RSS. E todos estes aplicativos são modificados para assumir seu papel (de sempre) de auxiliar a vida humana e não dominá-la. Hackers assumem os postos ao lado dos xamãs por se compreenderem como manipuladores de energia elétrica através de seus programas e voltam suas criações para o uso místico de canalização energética da máquina, tornam-se manipuladores de energia visível pelas telas de seus computadores que passam a ser meras ferramentas para potencializar todo o resto que acontece na realidade material e não mais representante do espírito do homem.

Esse é o caminho evolutivo natural. Neste caminho, o homem segue sendo a raça inteligente hegemônica no planeta terra, não cedendo este posto para computadores e robôs munidos de cérebros e simulação, artificialmente inteligentes. Não abrimos mão do nosso corpo, das nossas emoções e da nossa potência em nome da preguiça, tédio e projeção inconsciente de um vazio espiritual profundo incompreendido. Deixamos de ter medo de nós mesmos e de sonhar com um escapismo para fora da realidade da nossa dimensão e para fora do nosso próprio corpo.

Mas temos um longo caminho pela frente, caminho este com muitos obstáculos visto que grande parte da população mundial encontra-se tão profundamente imersa nesse sonho inconsciente de uma espiritualidade tecnológica, que muitos são aqueles que serão capazes de lutar por esses rumos evolutivos baseados na tecnologia e no escapismo da realidade. Os grandes laboratórios já estão em pleno vapor na pesquisa e criação de exércitos de robôs cada vez mais inteligentes. Este é um caminho que beneficia a poucos, que permite a dominação de grande parte do mundo, que cria homens semi-deuses através da manipulação genética e, futuramente, homens-máquina sem sentimentos e sem capacidade de sentir piedade. É um caminho que alimenta a guerra, que alimenta a necessidade de poder daqueles dominados pela energia bélica. É um caminho que nos mantém dominados por alguns poucos. Nos mantêm reféns dos que tem o conhecimento tecnológico especializado para nos dizer para onde devemos caminhar. Por tanto, é um caminho defendido por uma elite bilionária que tem interesse em se manter eternamente nessa posição de dominadores e já investe em novas formas de alcançar o domínio global à partir desta evolução tecnológica.

Está dado o cenário de disputa dos rumos evolutivos da humanidade que é uma realidade hoje. Não é preciso esperar o primeiro comercial de um robô capaz realizar seus trabalhos domésticos para começar a se preocupar. Os robôs estão chegando! E quando essa propaganda for ao ar, já estaremos completamente perdidos. Um robô capaz de arrumar uma cama é apenas uma versão mais barata de um robô capaz de torturar um preso em Guantánamo. O que será preciso para que a humanidade tire a cabeça da tela brilhante e pense sobre ela? A que ponto teremos que chegar antes de acordar dessa ilusão de conexão e entretenimento virtual?

A antiga civilização egípcia manteve-se imutável no seu patrimônio cultural por quase quinze séculos. A inovação não era vista com bons olhos por essa civilização que não tinha nenhum conceito para o que hoje chamamos de progresso e que rege nosso sentido de vida. Esse povo acreditava que este “imobilismo” era necessário para manter intacta a primeira Criação pois era perfeita em todos os pontos de vista – cosmológico, religioso, social e ético (ELIADE, 2010. p.92). Qualquer mudança era vista como um possível risco de uma regressão ao caos e, por conseguinte, o triunfo das forças demoníacas. O que vivemos hoje pode muito bem ser este triunfo. O que mais pode querer o demônio do que a total desconexão espiritual do homem projetada naquilo que Lúcifer nos deu de presente: a luz (energia elétrica) e que causou a sua expulsão do paraíso? No Tarô, o diabo representa um momento de iluminação racional, é ele que traz a luz da razão que provoca o amadurecimento. A era da razão pode

muito bem ter sido regida pelo próprio que através deste discurso empirista e materialista conseguiu convencer a humanidade de que Deus é o próprio ego do homem que não precisa de nada além da sua ciência e daquilo que seus olhos podem ver. E o homem segue trabalhando para criar uma vida mais inteligente que ele mesmo baseada estritamente na luz e na racionalidade, nos dois maiores atributos do principal inimigo do Criador. Será que é o homem que tenta igualar-se ao seu Criador ou será que estamos sendo influenciados por outras forças além da nossa compreensão nesta nossa tentativa de ser Deus? Quem mais gostaria de ser Deus? Ou se vingar dele destruindo sua mais bela Criação?

Estamos enrolados no meio de uma campo de batalha invisível que é representado na nossa realidade como essa disputa entre a evolução tecnológica e a evolução espiritual. A razão versus a fé. O externo contra o interno. Esta batalha está acontecendo a todo minuto, dentro de cada um de nós. É uma batalha que acontece primordialmente no ego e nas nossas escolhas que são feitas à partir daí. Pra onde queremos ir? Qual será a melhor opção evolutiva? Eu já fiz a minha escolha. É preciso que todos os homens façam as suas escolhas conscientes se compreendendo como parte de uma espécie animal que sofre risco de extinção. Temos que nos conscientizar da nossa necessidade espiritual latente e buscar os caminhos corretos de preenchê-la. Criar estes caminhos. As grandes igrejas não nos servem mais. Uma nova espiritualidade está nascendo, um novo tempo, uma nova era. É preciso vencer o medo de olhar pra dentro e o tédio de olhar pra realidade. Compreender o que está sendo feito por trás de inúmeras pesquisas científicas em grandes centros na Califórnia e na Alemanha. E impedir que isso continue.

REFERÊNCIAS

KURZWEIL, Ray. *The Age of Spiritual Machines: When Computers Exceed Human Intelligence*. Nova Iorque, NY: Penguin Books, 1999.

SANTOS, Laymert Garcia dos. *Politizar as Novas Tecnologias: O impacto sociotécnico da informação digital e genética*. Ed. 34. São Paulo: Editora 34, 2003.

MURARO, Rose Marie. *Os Avanços Tecnológicos e o Futuro da Humanidade: querendo ser Deus?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

EISLER, Riane. *O Cálice e a Espada: Nossa História, Nosso Futuro*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

NOBLE, David. *The Religion of Technology: The Divinity of Man and the Spirit of Invention*. United States of America: Penguin Books, 1999.

DAVIS, Erik. *Techgnosis: Myth, Magic and Mysticism in the Age of Information*. New York, NY: Three Rivers Press, 1998.

FERREIRA, Lier Pires; GUANABARA, Ricardo; JORGE, Vladimyr Lombardo, organizadores. *Curso de Ciência Política: Grandes Autores do Pensamento Político Moderno*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

ELIADE, Mircea. *História das crenças e ideias religiosas, volume I: da idade da pedra aos mistérios de Elêusis*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ANEXO 1

Declaração de Independência do Ciberespaço

John Perry Barlow

Governos do Mundo Industrial, vocês gigantes aborrecidos de carne e aço, eu venho do espaço cibernético, o novo lar da Mente. Em nome do futuro, eu peço a vocês do passado que nos deixem em paz. Vocês não são bem-vindos entre nós. Vocês não têm a independência que nos une.

Os governos derivam seu justo poder a partir do consenso dos governados. Vocês não solicitaram ou receberam os nossos. Não convidamos vocês. Vocês não vêm do espaço cibernético, o novo lar da Mente.

Não temos governos eleitos, nem mesmo é provável que tenhamos um, então eu me dirijo a vocês sem autoridade maior do que aquela com a qual a liberdade por si só sempre se manifesta.

Eu declaro o espaço social global aquele que estamos construindo para ser naturalmente independente das tiranias que vocês tentam nos impor. Vocês não têm direito moral de nos impor regras, nem ao menos de possuir métodos de coação a que tenhamos real razão para temer.

Vocês não nos conhecem, muito menos conhecem nosso mundo. O espaço cibernético não se limita a suas fronteiras. Não pensem que vocês podem construí-lo, como se fosse um projeto de construção pública. Vocês não podem. Isso é um ato da natureza e cresce por si próprio por meio de nossas ações coletivas.

Vocês não se engajaram em nossa grande e aglomerada conversa, e também não criaram a riqueza de nossa reunião de mercados. Vocês não conhecem nossa cultura, nossos códigos éticos ou falados que já proveram nossa sociedade com mais ordem do que se fosse obtido por meio de qualquer das suas imposições.

Vocês alegam que existem problemas entre nós que somente vocês podem solucionar. Vocês usam essa alegação como uma desculpa para invadir nossos distritos. Muitos desses problemas não existem. Onde existirem conflitos reais, onde existirem erros, iremos identificá-los e resolvê-los por nossos próprios meios.

Estamos formando nosso próprio Contrato Social. Essa maneira de governar surgirá de acordo com as condições do nosso mundo, não do seu. Nosso mundo é diferente.

O espaço cibernético consiste em idéias, transações e relacionamentos próprios, tabelados como uma onda parada na rede das nossas comunicações.

Nosso é um mundo que está ao mesmo tempo em todos os lugares e em nenhum lugar, mas não é onde pessoas vivem.

Estamos criando um mundo que todos poderão entrar sem privilégios ou preconceitos de acordo com a raça, poder econômico, força militar ou lugar de nascimento.

Estamos criando um mundo onde qualquer um em qualquer lugar poderá expressar suas opiniões, não importando quão singular, sem temer que seja coagido ao silêncio ou conformidade.

Seus conceitos legais sobre propriedade, expressão, identidade, movimento e contexto não se aplicam a nós. Eles são baseados na matéria. Não há nenhuma matéria aqui.

Nossas identidades não possuem corpos, então, diferente de vocês, não podemos obter ordem por meio da coerção física. Acreditamos que a partir da ética, compreensivelmente interesse próprio de nossa comunidade, nossa maneira de governar surgirá. Nossas identidades poderão ser distribuídas através de muitas de suas jurisdições.

A única lei que todas as nossas culturas constituídas iriam reconhecer é o Código Dourado. Esperamos que sejamos capazes de construir nossas próprias soluções sobre este fundamento. Mas não podemos aceitar soluções que vocês estão tentando nos impor.

Nos Estados Unidos vocês estão criando uma lei, o Ato de Reforma das Telecomunicações, que repudia sua própria Constituição e insulta os sonhos de Jefferson, Washington, Mill, Madison, deTocqueville and Brandeis. Esses sonhos precisam nascer agora de novo dentro de nós.

Vocês estão apavorados com suas próprias crianças, já que elas nasceram num mundo onde vocês serão sempre imigrantes. Porque têm medo delas, vocês incumbem suas burocracias com responsabilidades paternais, já que são covardes demais para se confrontarem consigo mesmos.

Em nosso mundo, todos os sentimentos e expressões de humanidade, desde os mais humilhantes até os mais angelicais, são parte de um todo descosturado; a conversa global de bits. Não podemos separar o ar que sufoca daquele no qual as asas batem.

Na China, Alemanha, França, Rússia, Singapura, Itália e Estados Unidos, vocês estão tentando repelir o vírus da liberdade, erguendo postos de guarda nas fronteiras do espaço cibernético. Isso pode manter afastado o contágio por um curto espaço de tempo, mas não irá funcionar num mundo que brevemente será coberto pela mídia baseada em bits.

Sua indústria da informação cada vez mais obsoleta poderia perpetuar por meio de proposições de leis na América e em qualquer outro lugar que clamam por nosso próprio discurso pelo mundo. Essas leis iriam declarar idéias para serem um outro tipo de produto industrial, não mais nobre do que um porco de ferro. Em nosso mundo, qualquer coisa que a mente humana crie, pode ser reproduzida e distribuída infinitamente sem nenhum custo. O meio de transporte global do pensamento não mais exige suas fábricas para se consumir.

Essas medidas cada vez mais coloniais e hostis os colocam na mesma posição daqueles antigos amantes da liberdade e auto-determinação que tiveram de rejeitar a autoridade dos poderes distantes e desinformados.

Precisamos nos declarar virtualmente imunes de sua soberania, mesmo se continuarmos a consentir suas regras sobre nós. Nos espalharemos pelo mundo para que ninguém consiga aprisionar nossos pensamentos.

Criaremos a civilização da Mente no espaço cibernético. Ela poderá ser mais humana e justa do que o mundo que vocês governantes fizeram antes.

Davos, Suíça 8 de fevereiro de 1996